

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

“Os TPC como uma forma de ligação com a família”

Inês Margarida Rocha Salgado

Coimbra, 2018

Inês Margarida Rocha Salgado

Os TPC como uma forma de ligação com a Família

Relatório final de Mestrado em Educação Pré- Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Prof. Doutor(a) Filomena Teixeira

Arguente: Prof. Doutor(a) Pedro Balas

Orientador: Prof. Doutor(a) Maria de Fátima Neves

fevereiro,2018

“(…) tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: prepara as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.”

(Parolim,2003,cit.Souza,2009,p.18)

Agradecimentos

Este relatório representa a conclusão do meu percurso académico e o início de uma nova etapa e, como tal, não podia deixar de agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que tal fosse possível.

À Professora Doutora Maria de Fátima Neves, por toda a disponibilidade, dedicação, apoio, sinceridade, apreço e profissionalismo.

Ao Professor Phillipe Loft, orientador dos estágios do 1º CEB, pelo carinho, compreensão e encorajamento.

Às minhas amigas, por todo o encorajamento, amizade, camaradagem e carinho ao longo desta fase mas, principalmente, nos momentos de fraqueza.

Ao meu namorado, José Miguel, por toda a compreensão, ânimo, carinho e companheirismo.

À minha prima, Ana Salgado, por ser uma referência para mim e por estar sempre do meu lado, seja para aconselhar ou para criticar construtivamente e, assim, me ajudar a crescer.

À minha família, em geral, por estar sempre presente em todos os momentos ao longo destes cinco anos e sempre cheios de orgulho.

Aos meus pais e ao meu irmão, porque sem eles nada disto seria possível. Agradeço-lhes pela confiança e por todos os esforços que tiveram de fazer para que este meu sonho se concretizasse.

Por fim, a todas as pessoas que, ao longo destes cinco anos, se foram cruzando no meu caminho e me deram forças para continuar.

A todos/as MUITO OBRIGADA.

Escola Superior de Educação | Politécnico de Coimbra

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCEB

Os TPC como uma forma de ligação com a Família

Resumo: Este relatório espelha o estudo realizado durante o estágio de 1º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Existem vários estudos que comprovam que “um maior envolvimento das Famílias na educação escolar das crianças corresponde a um melhor desempenho escolar tanto em termos de atitudes como de aproveitamento” (Villas-Boas,2001,p.82). No entanto, é certo que a relação entre as Famílias e a Escola não é, ainda, uma realidade generalizada. Daí o interesse por esta temática.

O presente trabalho divide-se em quatro partes essenciais: o enquadramento de estágio e análise reflexiva sobre esta experiência (Capítulo I), o enquadramento teórico (Capítulo II), o estudo empírico (Capítulo III) e as considerações finais.

No I Capítulo, emerge uma breve abordagem ao contexto de estágio, através de uma descrição da escola, do grupo de alunos/as e, ainda, uma reflexão acerca de todo o processo vivenciado.

O Capítulo II apresenta uma breve revisão da literatura sobre a temática central do trabalho, procurando refletir diferentes pontos de vista a partir das ideias e teorias de diversos/as autores/as.

No capítulo seguinte apresenta-se o estudo empírico realizado sobre a Relação Escola/Família, com ênfase nos Trabalhos para Casa (TPC) como um dos elos de ligação naquela Relação.

Por último, surgem as considerações finais.

Palavras-Chave: Escola; Família; Relação Escola-Família; Colaboração; Trabalhos para casa (TPC); Pais; Professores/as.

Homework as a way of connecting with families

Abstract: This report reflects the study carried out during the 1st Cycle of Basic Education, within the scope of the Master's Degree in Pre-School and 1st Cycle of Basic Education.

There are many studies which demonstrate that “a greater involvement of the families in the children’s education correspond to a best performance at school both in terms of the attitudes and the achievement” (Villas Boas, 2001, page 82). The relationship between families and schools is not yet a generalized reality. Hence, the interest in this subject.

This project is divided in four essential parts: the internship’s program and the reflexive analysis on this experience (Chapter I), the theoretical framework (Chapter II), the empirical study (Chapter III), and the final considerations.

In the 1st Chapter, a brief approach to the internship context, through a description of the school, the group of students and, also, a reflection about the whole process experienced.

The 2nd Chapter present a bibliographical review on the central theme, trying to reflect different points of view from the ideas and theories of several authors.

In the following chapter we present the empirical study about the School / Family Relationship, giving emphasis on Homework (TPC in Portuguese) as one of the key elements in that relationship.

In the end, the final considerations emerge.

Keywords: School; Family; Relationship School / Family; Collaboration; Homework; Parents; School Teachers.

Índice

Síglário	IX
Índice dos Gráficos	X
Índice de Tabelas	XI
Introdução	- 1 -
CAPÍTULO I	- 5 -
Enquadramento de Estágio e Análise Reflexiva.....	- 5 -
1.Enquadramento do Estágio	- 7 -
1.1. Estágio em Contexto de Escola do 1.º CEB.....	- 7 -
1.2. Caracterização do Grupo de Crianças	- 8 -
1.3. Breve Reflexão Crítica do Processo de Estágio	- 8 -
CAPÍTULO II.....	- 11 -
Enquadramento Teórico	- 11 -
2.Relação Escola/Família	- 13 -
2.1.Escola/Família	- 13 -
2.1.2.Colaboração dos Pais.....	- 15 -
2.1.3. A Falta de Colaboração entre os Agentes Educativos	- 16 -
2.2. Os Trabalhos Para Casa (TPC)	- 19 -
CAPÍTULO III	- 23 -
Estudo Empírico	- 23 -
3. Estudo Empírico	- 25 -
3.1. Problemática	- 25 -
3.2. A Pertinência do Estudo	- 25 -
3.3. Os Objetivos	- 26 -
3.4. Natureza do Estudo	- 27 -
3.5.Metodologia	- 27 -
3.5.1.Amostra	- 27 -
3.5.2. Instrumentos de Recolha de Dados.....	- 28 -
3.5.2.1.Inquérito por Questionário	- 28 -
3.5.3.Instrumentos de Análise dos Dados.....	- 28 -

3.5.4. Apresentação dos dados obtidos através dos questionários feitos aos/às E.E.....	- 29 -
3.5.4.1. Questionário aos/às Encarregados/as de Educação (Q1).....	- 29 -
3.5.4.2. Questionário aos/às Alunos/as (Q2)	- 38 -
3.5.5. Interpretação dos Dados Obtidos.....	- 47 -
Considerações Finais	- 49 -
Referências Bibliográficas.....	- 53 -
Anexos.....	- 57 -
Anexo I- Q1	- 58 -
Anexo II-Q2.....	63
Anexo III- PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO	68

Siglário

- AECC - Agrupamento de Escolas Coimbra Centro;
- AEC's - Atividades Extra Curriculares;
- ATL - Atividades de Tempos Livres;
- E.E - Encarregados/as de Educação;
- NEE's - Necessidades Educativas Especiais;
- PAAPI - Plano de Atividade de Acompanhamento Pedagógico Individual;
- Q(1) - Questionário aos/às Encarregados/as de Educação;
- Q(2) - Questionário aos/às alunos/as;
- TPC - Trabalhos para Casa;
- 1ºCEB - 1ºCiclo do Ensino Básico;

Índice dos Gráficos

Gráfico 1- Questão nº1: “Sexo dos/as Encarregados/as de Educação”	29 -
Gráfico 2-Questão nº2: “Idade dos/as Encarregados/as de Educação”	30 -
Gráfico 3-Questão nº3: “Habilitações dos/as Encarregados/as de Educação”	30 -
Gráfico 4 -Questão nº5: “Sexo do/a educando/a”	31 -
Gráfico 5- Questão nº6: “Ano de escolaridade que o/a seu/sua educando/a frequenta” ...	32 -
Gráfico 6- Questão nº7: “Concorda com os trabalhos de casa (TPC)?”.....	32 -
Gráfico 7-Questão nº8: “Costuma ajudar o/a seu/sua educando/a na elaboração dos TPC?”	33 -
Gráfico 8- Questão nº8.1: “Em caso afirmativo, em que áreas o/a costuma ajudar?”-	34 -
Gráfico 9-Questão nº9: “Com que frequência o/a seu/sua educando/a faz Trabalhos para Casa?”	34 -
Gráfico 10- Questão nº10: “Costuma ter feedback relativamente aos TPC do/a seu/sua educando/a?”	35 -
Gráfico 11-Questão nº10.1: “Em caso afirmativo, responda à seguinte questão: de modo geral, os TPC são corretamente elaborados:”	35 -
Gráfico 12- Questão nº13: “Considera importante a existência de uma forte colaboração entre a Família e a Escola?”	37 -
Gráfico 13- Questão nº1: “Sexo do/a aluno/a”	38 -
Gráfico 14-Questão nº2: “Idade do/a aluno/a”	38 -
Gráfico 15-Questão nº3: “Ano de escolaridade”	39 -
Gráfico 16- Questão nº4: “Gostas de fazer os trabalhos de casa (TPC)?”	39 -
Gráfico 17-Questão nº5: “O/A tua/teu professor/a costuma mandar trabalhos para casa (TPC)?”	40 -
Gráfico 18- Questão nº6: “Com que frequência a tua professora manda trabalhos de casa (TPC)?”	41 -
Gráfico 19- Questão nº7:“Costumas levar para casa que tipo de trabalhos para casa (TPC)?”	41 -
Gráfico 20-Questão nº8: “Pensas que demoras muito tempo a fazer os trabalhos de casa (TPC)?”	42 -

Gráfico 21-Questão nº8.1.:“Mesmo com o tempo que gastas a elaborar os trabalhos de casa, ainda ficas com tempo livre para outro tipo de atividades?”	- 43 -
Gráfico 22-Questão nº9: “Sempre que te surgem dúvidas na realização dos trabalhos de casa, pedes ajuda?”	- 44 -
Gráfico 23-Questão nº9.1: “No caso de teres respondido que sim (escolhe a resposta que se aplica ao teu caso) ”	- 44 -
Gráfico 24-Questão nº10: "O/A teu/tua professor/a corrige os trabalhos de casa (TPC)?"	- 45 -
Gráfico 25- Questão nº11.1: “Em qual das áreas sentes mais dificuldade quando estás a fazer os trabalhos de casa?”	- 46 -

Índice de Tabelas

Tabela 1- Os tipos de ajuda	- 21 -
Tabela 2-Questão nº4: “Profissão dos /as Encarregados/as de Educação”	- 31 -
Tabela 3-Questão nº7.1: “Em caso afirmativo, das opções que se seguem escolha apenas uma:”	- 33 -
Tabela 4-Questão nº 11: “Refira outros aspetos que considerem importante sobre os trabalhos de casa”	- 36 -
Tabela 5-Questão nº12: “Em que outros aspetos costuma colaborar com a Escola?”- 36 -	
Tabela 6-Questão nº13: “Porquê?”	- 37 -
Tabela 7-Questão nº4.1: “Porquê?”	- 40 -
Tabela 8-Questão nº11: “Na tua opinião para que servem os trabalhos de casa?”	- 46 -

Escola Superior de Educação | Politécnico de Coimbra

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCEB

Escola Superior de Educação | Politécnico de Coimbra

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCEB

INTRODUÇÃO

Escola Superior de Educação | Politécnico de Coimbra

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCEB

O presente relatório foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Educativa II, lecionada no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino do Básico (MEPE1ºCEB).

O estudo desenvolveu-se no contexto do estágio curricular que decorreu no 1º Ciclo do Ensino Básico (1ºCEB), desde Outubro de 2016 a Maio de 2017. Nesta experiência trabalhei com um grupo constituído por seis meninos e quatro meninas que frequentavam uma turma mista dos 3º e 4º anos.

Villas-Boas (2001) enfatiza a importância de os pais e os/as professores/as terem um objetivo em comum: a aprendizagem dos alunos, mas para o alcançar é necessário que haja trabalho em conjunto. No entanto, é consensualmente aceite que nem sempre é fácil conseguir-se uma efetiva parceria entre a Família e a Escola, o que torna esta temática deveras complexa mas desafiante.

Outro assunto igualmente aliciante, dado que os contextos familiares dos/as alunos/as são diferentes, são os TPC considerados, por alguns autores, como uma das estratégias utilizadas para que a Escola mantenha algum tipo de ligação com a Família. Por essa razão, procurou-se, também, neste pequeno trabalho, equacionar a importância dos TPC no contexto da Relação Escola/Família.

Este relatório encontra-se dividido, essencialmente, em quatro capítulos.

O primeiro capítulo espelha, ainda que resumidamente, a minha experiência de estágio no 1º CEB, apresentando a caracterização do agrupamento, da escola, da turma, e, ainda, a reflexão crítica sobre o percurso formativo. O segundo capítulo, o enquadramento teórico incide sobre a relação Escola/Família, com enfoque na temática dos trabalhos para casa (TPC) entendidos como uma forma de ligação entre aqueles parceiros educativos. No terceiro capítulo, apresenta-se o estudo empírico realizado na turma de estágio com a participação das Famílias e dos/as alunos/as.

Finalmente, as considerações finais que compilam toda esta experiência, fazendo referência ao seu impacto a nível pessoal mas, essencialmente, como futura docente.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO DE ESTÁGIO E ANÁLISE REFLEXIVA

1. Enquadramento do Estágio

1.1. Estágio em Contexto de Escola do 1.º CEB

O meu estágio foi efetuado numa escola de 1º Ciclo do Ensino Básico situada no meio rural, distando 14Km da cidade de Coimbra. A aldeia onde se localiza a escola é de pequena dimensão, em que a atividade predominante é a agricultura, uma vez que se encontra próxima dos campos do baixo Mondego. Oferece aos seus habitantes os seguintes serviços: dois minimercados, quatro cafés, um jardim-de-infância, um polidesportivo e um restaurante. O nível socioeconómico da população situa-se no socioeconómico médio e no socioeconómico baixo.

O agrupamento é composto por uma escola sede, 10 jardim-de-infância, 18 escolas do 1ºCEB e 2 Escolas do 2ºCEB. Este agrupamento é composto por cerca de 1532 alunos/as, sendo que 134 são alunos/as com necessidade educativas especiais (NEE). É um agrupamento de referência: para a educação bilingue de alunos/as surdos/as, para a educação de alunos/as portadores/as de cegueira e de baixa visão, para a educação de alunos/as com perturbações do espectro do autismo e para a educação de alunos/as com multideficiência e surdocegueira congénita (Projeto educativo 2014-2017,AECC). Como podemos verificar, este agrupamento aposta numa “escola-inclusiva”, não só pelas ofertas educativas que dispõem, mas também, pela sua população tão diversificada.

Para além dos/as alunos/as, existem 199 docentes e 87 funcionários/as não docentes, que se subdividem em: 68 assistentes operacionais, 17 assistentes técnicos/as e 2 psicólogas.

O total de alunos/as é de vinte e dois, encontrando-se divididos/as em duas turmas: doze alunos/as frequentam a turma do 1º e 2º ano e os/as restantes dez alunos/as frequentam a turma de 3º e 4º ano. Cada uma das turmas é da inteira responsabilidade do seu/sua professor/a titular, mas, ao longo do dia, contam, também, com a ajuda de uma assistente operacional, duas professoras de apoio e dos/as professores/as responsáveis pelas AEC's.

A instituição oferece um vasto leque de AEC's, que, tal como já foi referido, são lecionadas por professores/as externos à escola. Apresenta, também, uma grande

dinâmica no que respeita ao desenvolvimento de projetos, contando, na maioria das vezes, com a Associação de Pais e com a Junta de Freguesia.

1.2. Caracterização do Grupo de Crianças

A turma onde decorreu o meu estágio é uma turma heterógena, uma vez que é composta por dois níveis de escolaridade, 3º e 4º ano. No total são dez crianças distribuídas da seguinte forma: quatro alunos/as frequentam o 3º ano, sendo que duas são do sexo feminino e duas são do sexo masculino e seis crianças frequentam o quarto ano, sendo que quatro são do sexo masculino e duas do sexo feminino. Nesta turma não existe um historial significativo de retenções, apenas um aluno, que agora frequenta o quarto ano, já ficou retido no terceiro ano.

No global da turma, os níveis de capacidades cognitivas e ritmos de trabalho revelam-se muito diversificados. As suas maiores dificuldades centram-se na área de Português, no que respeita à oralidade e a escrita e na área da Matemática, na resolução de problemas.

No terceiro ano encontramos uma criança com NEE's (hiperatividade e défice cognitivo). É uma criança que requer uma atenção particular devido à discrepância que tem nas várias áreas relativamente aos seus pares. No quarto ano temos três crianças com Plano de Atividade de Acompanhamento Pedagógico Individual (PAAPI). Uma das estratégias utilizadas pela professora titular da turma, que podemos ler no plano de turma, é "... o diálogo permanente, a elevação da autoestima, o desenvolvimento da sua independência, aumento de vocabulário, recontos orais e construção de uma fábrica de palavras."

1.3. Breve Reflexão Crítica do Processo de Estágio

Refletindo acerca do período de estágio, surge um misto de emoções. Apesar de não ser uma novidade para mim, uma vez que já tinha estagiado em 1ºCEB, nunca tinha estado perante uma turma mista, a minha maior dificuldade passava pelo facto de ter de coordenar, em simultâneo, dois níveis de escolaridade diferente.

Inicialmente, houve um período de observação, em que pude compreender a dinâmica da sala e a forma de atuação da professora. Ela insistia constantemente com a turma no trabalho da argumentação, uma vez que uma das maiores dificuldades destes/as alunos/as se centrava na oralidade, para tal, sempre que fazia perguntas solicitava-lhes que justificassem as suas respostas.

Neste grupo, apesar de serem muito participativas e simpáticas, havia crianças com muitas dificuldades, inclusivamente algumas já referenciadas com NEE's. Tal como refere Lima (2007,p.11) um/a aluno/a que seja portador de NEE é um/a aluno/a que “apresenta algum problema de aprendizagem no decorrer da sua escolarização, necessitando de uma atenção específica e de mais ou diferentes recursos educativos do que os seus pares.”

No estágio, quando passei para a segunda fase, a da intervenção, tinha consciência de que era necessário planificar as aulas, individualizando cada ano, de forma a facilitar a minha atuação.

“A planificação é um importante auxiliar da prática pedagógica, contribuindo para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, uma vez que permite ao docente fazer uma previsão do que poderá ser a sua aula, definindo o conjunto de objetivos, conteúdos, experiências de aprendizagem, assim como a avaliação” (Barroso,2013 citado por Câmara, s.d, p.2).

Era imperativo que esta planificação não fosse vista como uma linha obrigatória a seguir, mas sim, como uma orientação, uma vez que as planificações são flexíveis, podendo-se adaptar às necessidades dos/as alunos/as.

Uma das preocupações que eu e as minhas colegas de estágio tivemos foi a de não cair na rotina, mas, sim, a de proporcionar às crianças situações de aprendizagens, através de materiais didáticos, onde a interdisciplinariedade estava sempre presente. Tal como cita Brasil (1999) mencionado por Fortes (2012,p.4)

“a interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação”.

Durante todo o estágio procurei tentar perceber a relação existente entre os pais dos/as alunos/as e a Escola. Ainda que apenas uma reduzida parte dos/as encarregados/as de educação participasse nas atividades propostas pela escola, a maioria

demonstrava preocupação com os resultados obtidos pelos/as filhos/as, bem como com os trabalhos para casa (TPC). Estes aspetos revelaram-se de tal modo relevantes que o tema central do trabalho de investigação é a Relação da Escola com a Família, salientando a colaboração entre pais e Escola no que respeita aos TPC.

CAPÍTULO II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.Relação Escola/Família

2.1.Escola/Família

O conceito de “família” tem vindo a ser alterado ao longo dos anos, tal como afirma Canavarro (2001, referido por Reis, 2008, p.48) “no último século, as formas de co-habitação e a estrutura familiar têm vindo a mudar, consequência da industrialização e da urbanização da sociedade e de alterações culturais, económicas, tecnológicas, profissionais, urbanísticas e sociais”. Com o avançar dos anos a nossa sociedade foi deixando para trás o tradicional “quadro de família”, onde o homem era visto como o chefe e a mulher apenas se dedicava à casa e aos/às filhos/as. Atualmente, essa imagem foi alterada pelo “surgimento de novos tipos de famílias” (Jesus e Neves, 2004, p.21). Alguns dos exemplos são as famílias constituídas apenas por um elemento, pai ou mãe e os/as filhos/as, as chamadas famílias monoparentais, ou as famílias compostas por casais homossexuais e os/as seus/suas filhos/as. A mulher também se emancipou, tornou-se independente, entrou para ao mercado de trabalho, provando assim que é capaz de sustentar os/as filhos/as e a casa.

Reis (2008, p.50), afirma que “a rede familiar de parentesco que desenvolvemos ao longo da nossa vida, e principalmente, nos tempos que correm, é a que dará o suporte afetivo que se necessita para encontrar o bem-estar presente e futuro”. Apesar de todas estas mudanças serem positivas, e gratificantes, no caso das mulheres, tiveram grandes repercussões na sociedade, mas principalmente nos seios familiares.

A família tem a função de “suporte vital”, tal como a define Picanço (2012, p.12), pois tem um papel fundamental na forma como a criança desempenha os seus vários papéis sociais, porém “poucas famílias têm a capacidade para o fazerem sozinhas, sendo essencial a cooperação com os professores.” (Picanço, 2011, p.12). Contudo, o papel da família passa, ainda, por proporcionar um bom ambiente familiar às crianças, estável e harmonioso. Villas-Boas (2001), baseando-se nos estudos feitos por Wolf (1964 e 1966) e por Marjoribanks (1979), mencionados por Bloom (1982), indica cinco elementos, que devem existir no seio das Famílias, para que os/as alunos/as tenham sucesso: “hábitos de trabalho em família; apoio e acompanhamento das tarefas escolares; estímulos à exploração e discussão de ideias e de acontecimentos; estímulos à

expressão oral e escrita e a aspiração e expectativas académicas e vocacionais.” (Villas-Boas,2001,p53).

Perrenoud (2002,citado por Reis, 2008, p.39) refere que “a educação precisa de mudar e que as mudanças podem ser negociadas entre os diferentes agentes educativos, cabendo à Escola o papel de as tornar mais visíveis e reais, ficando as famílias mais interessadas, próximas e conscientes da sua importância.”. Porém, é indispensável que a Escola e os docentes criem e promovam meios para que os/as encarregados/as de educação consigam chegar até si, o que muitas vezes não é simples.

Villas-Boas (2001) enfatiza a importância de os pais e os/as professores/as terem um objetivo em comum: a aprendizagem dos alunos, mas para o alcançar é necessário que haja trabalho em conjunto. No entanto, o trabalho em conjunto nem sempre é fácil: “os professores pelas dificuldades acrescidas e por (...) verem diminuído o seu estatuto profissional e o apoio da comunidade; os pais por se confrontarem (...) com situações de divórcio, desemprego, isolamento e problemas com os filhos.” (Swap, 1987,citado por Villas-Boas, 2001, p.83)

Porém, para que esta relação permaneça e afaste todas as inseguranças e dúvidas sentidas pelos agentes educativos (e assim consigam transparecer segurança e credibilidade às crianças), é que “unam esforços, lutem e proporcionem aos alunos um clima de estabilidade” e que construam “uma boa relação escola/família baseada na confiança e no esforço mútuo, em que a comunicação (...) seja efetiva e proporcionadora de bem-estar de todos (...)” (Ribeiro 2009, p.17). Uma das soluções apresentados por Moles (1982, mencionado por Villas-Boas, 2001), para aproximar não só a Escola e as Famílias, mas também a comunidade envolvente é a reconstrução da noção de escola, ou seja, criar “escolas comunitárias”. Este projeto consiste em manter a escola aberta durante a noite, as férias e os fins de semana (Villas-Boas, 2001). Desta forma, é dada abertura à comunidade para se envolver e poder participar nas atividades.

2.1.2. Colaboração dos Pais

Marques (2001, p.30) define “colaboração” como uma forma de comunicar com o objetivo de ajudar a resolver problemas ou a intensificar e melhorar uma relação” é também “dar as mãos para fazer alguma coisa em conjunto (...)”. Já Simões (2013, p.84) indica que a colaboração deve conduzir ao envolvimento dos pais, o qual é entendido por esta autora como “um compromisso ativo dos pais para dedicarem o seu tempo a ajudar no desenvolvimento académico e geral dos seus filhos.”.

Atualmente, os pais, e devido a um conjunto de fatores, dos quais se destaca o facto de quererem proporcionar uma melhor qualidade de vida aos/às seus/suas filhos/as, têm a necessidade de ter um emprego estável, o que lhes ocupa a maior parte do seu tempo. Como tal, as crianças passam mais tempo afastado das suas famílias, ou sozinhas em casa, em atividades de tempos livres (ATL's), ou acompanhadas por outros familiares. Por esta razão, os pais passam cada vez menos tempo com os/as filhos/as e, muitas vezes, não os/as acompanham tão de perto como gostariam. Contudo, existem vários estudos que comprovam que “um maior envolvimento das famílias na educação escolar das crianças corresponde a um melhor desempenho escolar tanto em termos de atitudes como de aproveitamento” (Villas-Boas,2001,p.82).

Segundo Marques (2001, p.20) a colaboração dos pais com a escola proporciona inúmeras vantagens, não se focando apenas no rendimento escolar dos/as alunos/as, mas:

“(...) aumenta a motivação dos alunos pelo estudo; ajuda a que os pais compreendam melhor o esforço dos professores; melhora a imagem social da escola; reforça o prestígio profissional dos professores; ajuda os pais a desempenharem melhor os seus papéis e estimula os professores a serem melhores professores”.

Por sua vez, Simões (2013, p.84) vai um pouco mais além e refere os vários “benefícios” que esta parceria pode trazer ao nível das “competências cognitivas e não cognitivas”. A mesma autora destaca ainda que “o maior desenvolvimento motivacional acontece porque as crianças de pais envolvidos interiorizam atitudes positivas dos pais em relação à escola”. (Simões, 2013, p.84). Villas-Boas (2001, p.55) realça também a importância do papel dos pais, no momentos dos TPC, por exemplo, uma vez que “num momento ou noutra sentem dificuldades quer no processo de aprendizagem escolar quer

nas tarefas que lhe são exigidas (..)” e é essencial que “(..)alguém apoie a criança(..) e lhe restitua a confiança nas suas capacidades.”

É importante salientar que não existe uma forma que nos indique como é que os pais e a Escola têm de colaborar, porém a nossa legislação já prevê a participação ativa por parte dos/as encarregados/as, tal como está descrito no Decreto de Lei nº126, de 2 de Julho de 2012, no capítulo V, artigo 47º: “aos pais e encarregados de educação e aos alunos é reconhecido o direito de participação na vida do agrupamento de escolas ou escola não agrupada.”

Cabe à Escola compreender e conhecer as características do meio em que está inserida e adaptar-se assim as necessidades da sua população, abrindo caminhos para que estes consigam chegar até si, independentemente das suas condições e da sua classe social.

2.1.3. A Falta de Colaboração entre os Agentes Educativos

Como foi já referido a colaboração dos pais na vida escolar das crianças é fundamental.

“Colaborar” não é apenas sinónimo de os pais estarem presentes nas reuniões ou ir falar com o/a professor/a sempre que são notificados. É ter uma postura ativa, enquanto encarregado/a de educação e acompanhar de perto o percurso escolar do/a seu/sua educando/a.

“Os pais atualmente estão demasiado ocupados e não têm “tempo” para dar atenção aos filhos (...) e por vezes delegam responsabilidades educacionais, esquecendo que a escola não pode educar sozinha e necessita da colaboração e participação das famílias” (Sampaio, 1996, citado por Henriques, 2009, p.89). No entanto, por vezes, surgem obstáculos que dificultam a colaboração:

“O mundo profissional dos professores pode sentir-se ameaçado quando os pais tentam influenciar a escolaridade dos filhos; o currículo familiar é invadido, sempre que os professores dizem aos pais, como podem apoiar melhor os seus filhos; as escolas podem sentir-se devassadas quando investigadores e outros membros da comunidade aparecem para (...) aconselhar.” (Villas-Boas, 2001, p.100)

Razões pelas quais, muitas vezes os/as professores/as, apesar de reconhecerem todas as vantagens do envolvimento parental, não permitem aos pais que se envolvam, uma vez que temem que a sua autoridade seja colocada em causa e que estes apenas se queiram envolver para supervisionar o seu desempenho. O mesmo acontece com os/as encarregados/as de educação, uma vez que, ao permitirem o acesso dos/as professores/as ao seu ceio familiar, receiam que haja uma “partilha de poderes” (Villas-Boas,2001). Estes agentes mostram-se ainda reticentes, para trabalhar em parceria com os/as professores/as, essencialmente por duas razões, que são referidas por Villas-Boas (2001, p.108): “o desempenho do aluno” e o “nível socio-económico da família”.

Na primeira situação, mais concretamente a falta de aproveitamento dos/as alunos/as, leva a que os/as professores/as notifiquem mais vezes os seus/suas encarregados/as de educação para se descolarem até a escola. Na maioria das vezes, o “*feedback*” não é o melhor, o que faz com que os/as E.E. se sintam “desapontados ou mesmo discriminados” e, assim, incentivam-se os pais “a manterem-se afastados da escola, onde só vão, a contragosto (..)”(Villas-Boas,2001,p.108). No segundo caso, “o nível socio-económico”, uma vez que “a origem social da família determina as suas atitudes e expectativas relativamente à escola”. (Montandon, 199, citado por Villas-Boas, 2001, p.108)

Contrariamente ao que habitualmente é consensual, não é apenas nas classes mais desfavorecidas que se denota um maior desinteresse em colaborar por parte dos pais. Nos diferentes estudos consultados, as opiniões dos autores/as são divergentes, por exemplo, se para Simões (2013, p.73) é o “*status* económico mais elevado (...) que tendem a participar mais na vida escolar dos seus/suas filhos/as”, para Marques (2001) é neste grupo social que o desinteresse é mais notório. Por outro lado, temos autores/as que defendem que o maior desinteresse provem das classes sociais mais desfavorecidas, porque apesar de tentarem chegar até à Escola ou até aos/às professores/as, a linguagem utilizada não lhes é acessível, fazendo com que se afastem. Ribeiro (2009) é da mesma opinião destes autores, e realça o facto de, na maioria das vezes, os/as professores/as comunicarem com os/as encarregados/as de educação através de recados, escritos nas cadernetas dos/as alunos/as, mas não têm consideração o facto de o/a recetor/a das mensagens saber ler ou não, o que evidência como um entrave à comunicação.

Marques (2001) aponta dois conceitos que estão associados à pouca colaboração entre pais e Escolas: “os pais difíceis “ e ” as escolas difíceis de alcançar”.

O primeiro conceito, debruça-se sobre o desinteresse pelo percurso escolar dos/as educandos/as por parte dos/as encarregados/as de educação. As “escolas difíceis de alcançar” referem-se ao facto de a estrutura escolar não estar delineada para que pais e alunos/as, independentemente da suas características e necessidades, sejam aliciados por esta. O mesmo autor, Marques, refere, ainda, que existem um conjunto de argumentos que justificam a razão da escola não estar ao alcance de todos:

“(…)a cultura escolar não é compreendida pelos pais com níveis baixos de escolaridade; muitos pais tiveram uma má experiência escolar (...); a escola raramente dispõe de espaços adequados e convidativos para receber os pais; a linguagem dos professores nem sempre é acessível aos pais com menores níveis de instrução; os professores chamam os pais à escola quase sempre quando há problemas.” (Marques,2001.p35)

Em suma, verificamos que exigem vários obstáculos a esta relação e que tanto os pais como os/as professores/as contribuem negativamente para esta situação. É altura de alterar as mentalidades e criar a noção de que “a escola tem como função servir de complemento à educação prestada pela família” como tal, é importante que estes agentes estejam conscientes de que “devem estar unidos, reconhecer e partilhar objetivos tendo em conta o bem comum das crianças (...).” (Lima, 1998, citado por Ribeiro, 2009, p.30) Contudo, os/as docentes têm vindo a demonstrar maior abertura para o envolvimento dos pais, apesar de continuarem a “fazer pedidos muito semelhantes a todos os pais, independentemente da classe social” (Villas-Boas, 2001, p.107). Por sua vez os pais, e baseado no estudo de Davies (1989) referido por Villas-Boas (2001), comprava que uma parte dos/as encarregados/as de educação já demonstram maior envolvimento pelo percurso escolar dos/as seus/suas educandos/as mas, ainda “há uma larga minoria(...)reservada ou reticente(...) o que não facilita a ação do professor.” (Montandon, 1993,citado por Villas-Boas, 2001, p.107)

Salienta-se, ainda, que os pais mais fáceis de cativar são aqueles que conhecem a organização da escola mais ao pormenor, por exemplo, os pais que são professores, uma vez que conhecem bem a realidade.

A Escola tem um papel decisivo e deve criar todas as condições para que os pais se sintam bem e integrados no meio escolar.

2.2. Os Trabalhos Para Casa (TPC)

Os trabalhos para casa (TPC) são, tal como os define Pires (2012, p.3), “os deveres que os professores estabelecem para as crianças fazerem em casa depois das aulas”. Por sua vez, as crianças, utilizam definições menos atrativas para a sigla TPC- trabalhos para casa:” tortura para crianças”, “tempo perdido em casa”, “trabalho para chatear” e “trabalho para carecas.” (Pita, 2015, p.72).

Segundo Corno (1996) existem estudos que veem inúmeras vantagens nos TPC, tais como: funcionarem como reforços das aprendizagens feitas na escolas, servirem para que os/as alunos/as aprofundarem os assuntos estudados e, assim, poderem avançar para conteúdos mais complexos ou mesmo como uma forma de manter os/as estudantes ocupados/as. Além disso, a realização dos TPC ajuda a criança, como ser individual, a promover a sua autonomia, no sentido em que esta “adquire competências para lidar com as dificuldades (...); aprende a monitorar o seu tempo; constrói ou reforça o seu sentido de responsabilidade; exercita a sua concentração ao lidar com distrações (...); estabelece bons hábitos de estudo.” (Suehiro & Boruchovitch, 2016, p.133).

Por outro lado, há autores/as que não concordam com os trabalhos para casa, tal como referem Araújo (2006) e Marzano & Pickering, (2007) citados por Suehiro & Boruchovitch (2016, p.133), que os consideram “algo inútil que retira do estudante tempo para a realização de outras atividade e para o lazer.”

Os contextos familiares não são iguais para todos/as os alunos/as, sendo que os graus de escolaridade dos pais diferem, o que pode ter consequência no tipo de apoio a dar aos/às educandos/as. A alteração dos programas escolares e a inserção de novas matérias, que poderão ser desconhecidas pelos pais, pode ser considerado outro dos impedimentos à colaboração dos pais nos TPC. Por outro lado, estas alterações do currículo podem implicar novas estratégias de ensino, o que provoca desentendimento, entre pais e professores/as, uma vez que o/a aluno/a aprende de um modo na Escola e em casa é ensinado/a de outra forma.

É importante que na hora em que o/a professor/a marca os trabalhos para os/as alunos/as realizarem em casa, esteja consciente das necessidade de cada um/a, bem como do auxilio que cada família é capaz de prestar em casa, daí que, ultimamente, seja frequente questionar: “deverão os trabalhos de casa ser iguais para todos?” (Pita, 2015,

p.74). “Na verdade esta prática oculta a especificidades de cada criança” e “não abrange a singularidade de cada sujeito” (Pita, 2015, p.74). Daí que seja necessário refletir acerca da necessidade de propor trabalhos para casa diferenciados para cada criança, tendo em conta as suas necessidades (Pita, 2015).

Os TPC, apesar de serem vistos por muitos/as como um “rotineiro ato mecânico” (Araújo, 2009, citado por Pita, 2015, p.72), poderão tornar-se um meio fundamental para as famílias acompanharem mais de perto o que está a ser lecionado dentro das salas de aula dos/as seus/suas educandos/as. Para Carvalho (2004, p.95) os trabalhos para casa são: “(...) o principal meio de interação família-escola, o dever de casa passa de uma política tácita informal desenvolvida por família e escolas, a uma política formal que articula os esforços educativos destas instituições.”.

Os trabalhos para casa são para muitos/as professores/as uma forma de reforçar as aprendizagens realizadas nas aulas, enquanto para os pais, os TPC servem para estabelecer uma maior ligação com a Escola ajudando os/as seus/suas filhos/as. Na opinião Tavoillot (1977, referido por Ribeiro, 2009, p.27) esta ajuda, só se deve fazer valer em quatro situações, quando:

“o trabalho é em demasia; o número de tarefas a realizar é elevado e o ritmo de trabalho e o tempo disponível (...) são desproporcionados; o trabalho acarreta demasiadas dificuldades (...); o trabalho pedido não corresponde às expectativas e gostos da criança (...).”.

Ainda de acordo com este mesmo autor, a ajuda pode ser direta ou indireta. A tabela abaixo explicita os diferentes tipos de ajuda. Assim:

	Tipos de ajuda	Definição
Direta	Ajuda - substituição	os pais, simplesmente realizam as atividades pelas crianças;
	Ajuda - assistência	o adulto dá um pormenor à criança que a permite desbloquear de modo a realizar o trabalho;
	Ajuda pré-correção	o trabalho é feito pela criança, contudo antes de ser apresentado ao professor é examinado e

		sujeito a uma primeira análise por parte dos pais;
	Ajuda - controlo	questiona a criança se fez os trabalhos de casa, como os realizou, trata-se de ensiná-la a ser organizada;
	Ajuda - repetição da explicação	fazer compreender em casa uma explicação que não assimilada na sala de aula;
Indireta	Condições materiais	Ajudar a compreender e a conservar os interesses das crianças;
	Condições afetivas	Segurança afetiva; Estimulação.

Tabela 1- Os tipos de ajuda, segundo Ribeiro,2009,pp.28 e 29

Segundo, Ribeiro (2009), os pais podem ajudar os/as filhos/as direta ou indiretamente.

Se a ajuda que os pais prestam aos/às seus/suas filhos/as for direta, esta pode ainda subdividir-se em cinco tipos: a ajuda-substituição, que é aquela que não requer qualquer tipo de esforço por parte das crianças, uma vez que o adulto assume o papel do/a aluno/a e realiza os trabalhos na sua vez; a ajuda-assistência, os pais dão pequenas pistas à criança para ela “desbloquear de modo a realizar o trabalho proposto” (Ribeiro,2009, p.28), mas muitas vezes o adulto, envolve-se em demasia, e elabora os TPC na vez das crianças; ajuda pré-correção, a criança é realmente parte ativa, e é ela que realiza o trabalho na sua totalidade, no entanto, é previamente revisto e corrigido pelo/a encarregado/a de educação e só depois é apresentado ao/à professor/a; ajuda-controlo, este tipo de ajuda consciente em “questionar a criança se fez os trabalhos de casa, como os realizou, trata-se de ensiná-la a ser organizada (...)” (Ribeiro,2009, p.28); ajuda-repetição da explicação, que se traduz em voltar a explicar em casa os conteúdos que não foram compreendidos durante a aula.

Por outro lado, se a ajuda for prestada indiretamente, segundo mesmo autor, esta pode manifestar-se em: condições materiais e em condições afetivas. No primeiro caso, as condições materiais direcionam-se para os gostos da criança e, assim, “compreender e conservar os interesses das crianças” (Ribeiro,2009, p.28) e despertar-lhes a

curiosidade por novas temáticas. No segundo caso, as condições afetivas, que, segundo o autor, são as mais importantes. Travoillot (1997,p.27, mencionado por Ribeiro, 2001,p.29) afirma que “a ajuda mais eficaz, mais vital, mais profunda que os pais podem dar ao trabalho é de ordem afectiva.” As condições afetivas são fragmentadas em: segurança afectiva, “em que a criança se sente amada independentemente dos seus resultados” (Ribeiro, 2009, p.29), e em estimulação, que se define em criar momentos desafiadores para a criança, em que esta seja bem-sucedida.

Em síntese, a ajuda que os pais prestam aos/às seus/suas filhos/as na realização dos TPC, mostra-se crucial no sentido em que permite “o envolvimento directo dos pais no ensino de algumas matérias, (...),mas também na fixação de rotinas de estudo, hábitos de trabalho, atitudes favoráveis à aprendizagem e criação de um ambiente favorável ao estudo e à curiosidade intelectual.” (Marques, 2001, p.104)

Ribeiro acrescenta ainda que os /as professores/as devem saber qual é o ponto de equilíbrio, na hora de passar os TPC. Se, por um lado, os/as docentes não devem mandar trabalhos para casa em excesso, por outro não devem privar-se de o fazer. “Com conta, peso e medida, os trabalhos de casa são um instrumento que ajuda a reforçar e a aprofundar as aprendizagens” e “habitua o aluno a um trabalho continuado que torna o estudo uma actividade agradável.” (Marques, 2001, p.104)

CAPÍTULO III

ESTUDO EMPÍRICO

3. Estudo Empírico

3.1. Problemática

Sendo a principal preocupação deste trabalho a interação da Escola com a Família e vice-versa, procurou-se estudar esta temática, na medida em que, apesar de todas as suas vantagens já reconhecidas, “não é, ainda, considerada um fator de promoção do sucesso escolar e fator de igualdade de oportunidades ou um critério de excelência das escolas.” (Villas-Boas, 2001, p.99)

Nos dias que correm, os pais para poderem proporcionar uma melhor qualidade de vida aos/às seus/suas filhos/as, veem-se obrigados a passar mais tempo nos seus empregos, como tal, em alguns casos, não conseguem acompanhar o percurso escolar dos/as educandos/as. Por sua vez, a escola nem sempre se mostra acessível a todos/as os/as encarregados/as de educação, por exemplo, na linguagem utilizada.

Outra das questões abordadas foram os TPC. É um tema bastante controverso, em que as opiniões estão divididas. Se há autores/as que veem inúmeras vantagens nos trabalhos para casa, há outros/as autores/as que os acham desnecessários.

3.2. A Pertinência do Estudo

A relação Escola/Família é um dos temas discutido nos dias de hoje, existindo inúmeras razões que impossibilitam o desenvolvimento saudável desta relação, o que se reflete, negativamente, no aproveitamento dos/as alunos/as.

“Com o surgimento dos novos tipos de família, bem como com as escolas repletas de alunos oriundos de diferentes estratos económicos, sociais e culturais, a comunicação que se estabelece entre os diferentes intervenientes exige uma maior compreensão e aceitação por parte de todos” (Jesus&Neves,2004,p.21).

Por outro lado,

“A falta de tempo e/ou a disponibilidade quer dos pais, quer dos professores poderão influenciar negativamente a relação Escola/Família. (..) Por outro lado, a desconfiança mútua, a diferente perceção das prioridades, (...), o próprio tipo de linguagem (formal) utilizada por grande parte dos professores, a disputa de poderes e a tradição funcionam

como obstáculos.” (Bosco, 1982; Ho e Yue, 1996; Moles, 1982, citados por Villas-Boas, 2001, pp.99 e 100).

Assim, facilmente se compreende que é difícil conseguir-se uma efetiva parceria entre a Família e a Escola, o que torna esta temática deveras complexa mas desafiante, pelo que se considerou ser pertinente abordar esta temática.

Outro assunto bastante polémico, dado que os contextos familiares dos/as alunos/as são diferentes, bem como as suas dificuldades, são os TPC considerados, por alguns autores/as, como uma das estratégias utilizadas para que a Escola mantenha algum tipo de ligação com a Família. Por essa razão, procurou-se, também, neste pequeno trabalho, equacionar a importância dos TPC no contexto da Relação Escola/Família.

3.3. Os Objetivos

Segundo Sousa & Batista (2004, p.26) os objetivos encontram-se divididos em duas categorias: o objetivo geral e os objetivos específicos. Ainda, mencionando as mesmas autoras, o objetivo geral aponta “a principal intenção” e os objetivos específicos dão-nos o “acesso...aos resultados finais” e devem ser construídos em termos práticos.

Assim sendo, neste estudo, a grande finalidade é: compreender a importância da Relação Escola/Família, equacionando os trabalhos para casa como uma forma de tornar mais efetiva a ligação entre a Família e a Escola. E os objetivos são:

- ✓ Perceber a importância da Relação Escola/Família;
- ✓ Reconhecer se existe um efetivo envolvimento dos pais em relação à Escola;
- ✓ Entender a importância dos TPC tanto para os/as alunos/as como para os pais;
- ✓ Identificar a influência que os TPC têm na vida das crianças e dos pais;
- ✓ Compreender se os pais prestavam auxílio aos/as educandos/as na realização dos TPC.

3.4. Natureza do Estudo

A metodologia utiliza, ao longo do presente estudo, foi a metodologia qualitativa, uma vez que estudo se centra na interpretação e análise dos dados recolhidos.

3.5. Metodologia

3.5.1. Amostra

A Amostra deste estudo é constituída por nove encarregados/as de educação, oito do sexo feminino e um do sexo masculino, e por dez alunos/as, seis do sexo masculino e quatro do sexo feminino, os quais frequentam uma escola pública, localizada num meio rural a 14km da cidade de Coimbra, onde a atividade predominante é a agricultura.

No que respeita ao primeiro grupo, na sua maioria, agrupa-se entre 41 e os 50 anos de idade e, na generalidade, todos têm uma ocupação profissional.

Os/as alunos/as inquiridos/as frequentam a turma 50, sendo uma turma heterogénea com crianças do terceiro e do quarto ano de escolaridade num total de dez crianças (quatro do sexo feminino e seis do sexo masculino).

Nesta Amostra, apenas um menino é repetente e todas as crianças frequentaram o jardim-de-infância. Englobam-se também duas crianças com necessidades educativas especiais (NEE) e duas com plano de atividades de acompanhamento pedagógico individual (PAAPI).

Esta turma revela-se heterogénea ao nível das capacidades cognitivas e dos ritmos de aprendizagens. As suas maiores dificuldades centram-se no Português, na oralidade e na escrita, o que também se reflete na área da Matemática, em particular na resolução de problemas, visto que a compreensão e a escrita são imprescindíveis para a concretização deste tipo de tarefa.

3.5.2. Instrumentos de Recolha de Dados

3.5.2.1. Inquérito por Questionário

Segundo Sousa & Batista (2014, p.90) um questionário é “um instrumento de investigação que visa recolher informações” de uma determinada amostra, através da colocação de um conjunto de questões acerca de um tema.

No presente estudo utilizaram-se dois questionários (Q1 e Q2), um aplicado aos/às encarregados/as de educação dos/as alunos/as da turma e outro aplicado aos/às próprios/as alunos/as. Cada um dos referidos questionários tinha questões de resposta aberta, as quais, como refere Sousa & Baptista (2014, p.97), são perguntas “que permitem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras”. Para além deste tipo de questões continham, igualmente, questões de resposta fechada que, segundo os mesmos autores (2014, p.93) são questões onde “o inquirido apenas seleciona uma opção (de entre as apresentadas) que mais se adequa à sua opinião.”

O primeiro questionário (Q1), aplicado aos/às encarregados/as de educação, era composto por um total de dezasseis questões: doze de resposta fechada e quatro de resposta aberta. As primeiras quatro questões faziam referência aos dados pessoais dos/as inquiridos/as, seguindo-se questões relacionadas com os/as seus/suas educandos/as e, por fim, questões de opinião, acerca dos trabalhos para casa.

O questionário feito aos/às alunos/as (Q2) era constituído por onze questões, sendo dez fechadas e uma aberta. Com este questionário pretendeu-se obter, para além dos dados pessoais dos/as alunos/as (questões 1 a 3), informações sobre a sua perceção sobre os TPC.

3.5.3. Instrumentos de Análise dos Dados

A análise da informação recolhida foi realizada através da análise estatística organizando-se em tabelas, gráficos de barras e circulares, visto que, tal como cita Morais (2005, p.8) “a estatística é considerada como um conjunto de técnicas analíticas utilizadas para resumir o conjunto dos dados recolhidos numa dada investigação” .

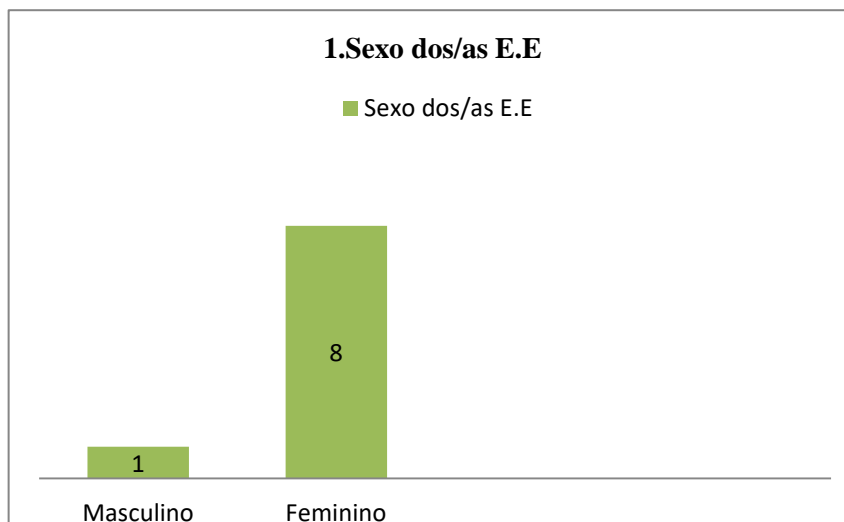
Para as questões de resposta aberta constantes nos dois questionários usou-se a análise de conteúdo. Segundo Vala (1986, p.104) a análise de conteúdo “é uma técnica de tratamento de informação, não é um método”, para Berelson (1952) citado por Picanço, (2012, p.68) é igualmente “uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo...” e, por sua vez, Krippendorff (1980) citado por Vala (1986, p.103), defende que a análise de conteúdo “permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto”. Para tal, é essencial que se classifiquem os dados e se agrupem em conjuntos homogêneos, os quais, segundo Bardin (1977) referido por Picanço (2012, pp.69 e 70), devem respeitar determinados aspetos, tais como a: “a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objetividade e a fidelidade e a produtividade”.

3.5.4. Apresentação dos dados obtidos através dos questionários feitos aos/às E.E.

3.5.4.1. Questionário aos Encarregados/as de Educação (Q1)

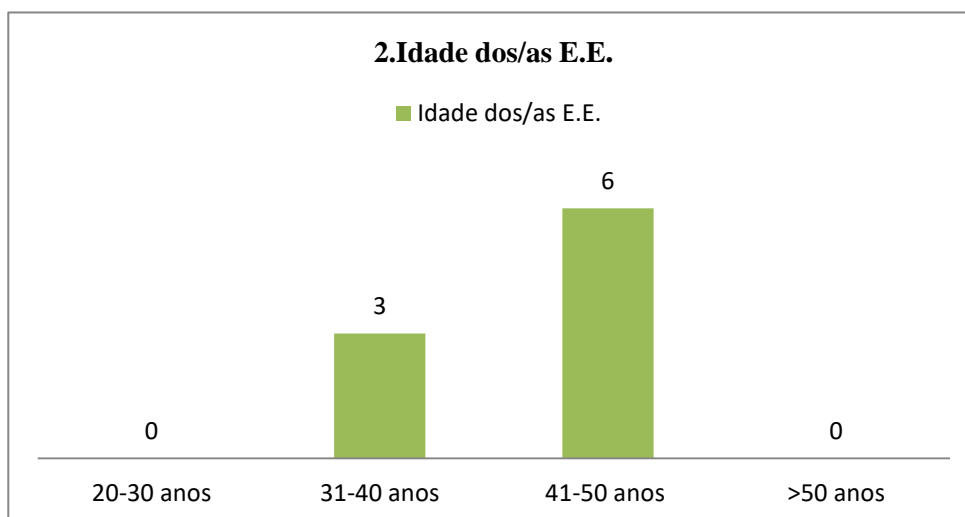
Dados Pessoais:

Gráfico 1- Questão nº1: “Sexo dos/as Encarregados/as de Educação”



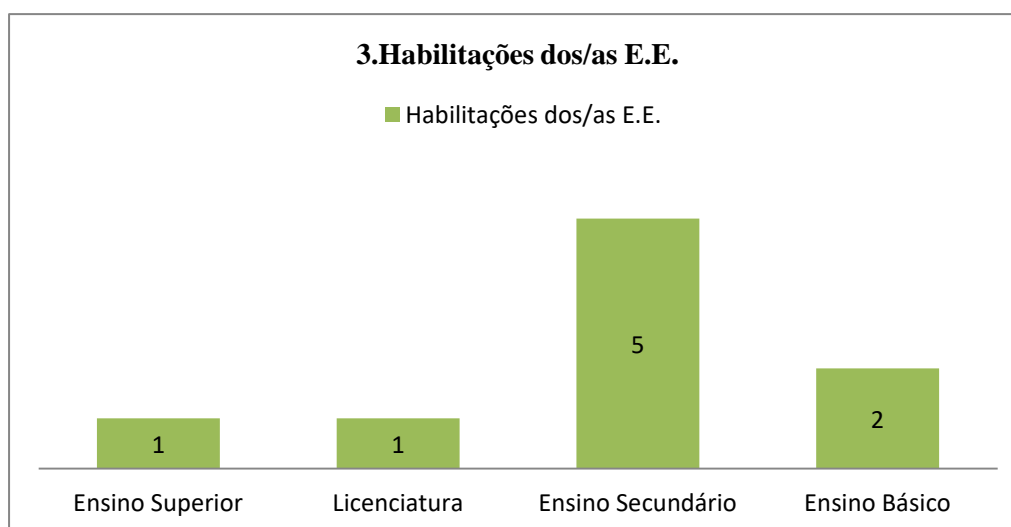
Observando o gráfico 1 que espelha a resposta à questão nº1,concluimos que os/as encarregados/as de educação são maioritariamente do sexo feminino (8, correspondendo a 89%) em contraste com apenas 1 do sexo masculino (11%).

Gráfico 2-Questão nº2: “Idade dos/as Encarregados/as de Educação”



No que diz respeito às idades dos/as encarregados/as de educação, questão 2, e observando o gráfico 2, verificamos que a maioria dos/as E.E se encontra numa faixa etária entre os 41 e os 50 anos (66,7%) os restantes agrupam-se entre os 31 e os 40 anos (33,3%).

Gráfico 3-Questão nº3: “Habilitações dos/as Encarregados/as de Educação”



Analisando o gráfico 3 verificamos que a habilitação académica da maioria dos/as respondentes é o ensino secundário (5, correspondendo a 55,6%) segue-se o ensino básico (2, ou seja 22,2%) e por fim um encarregado de educação que frequentou o ensino superior e outro que concluiu uma licenciatura.

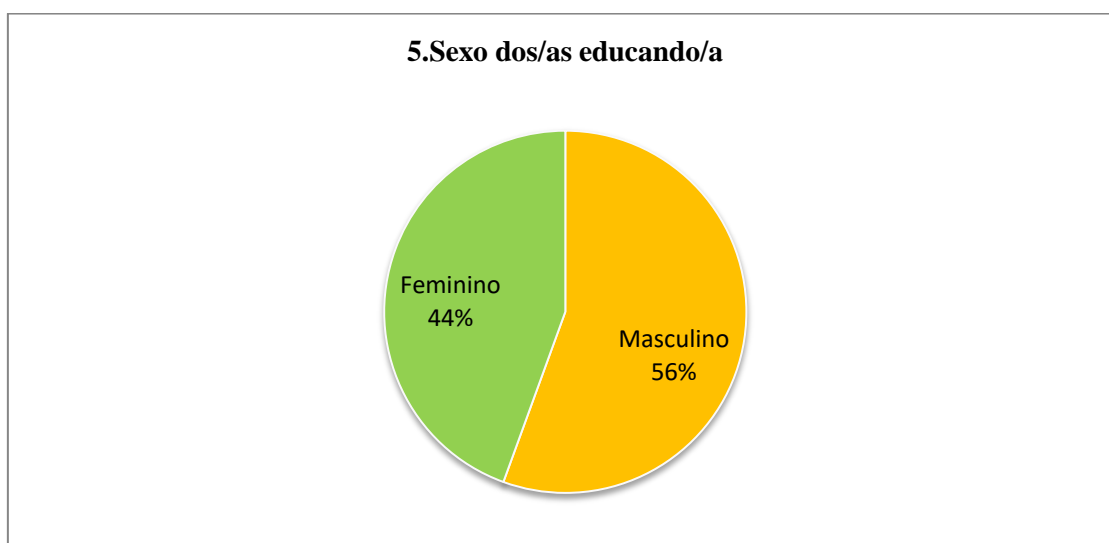
Tabela 2-Questão nº4: “Profissão dos /as Encarregados/as de Educação”

4.Profissão dos/as Encarregados/as de Educação			
Diretor de um centro de infância e juventude	Professora	Administrativa	Técnica de Informática
Empregada de Balcão	Empregada de Limpeza	Distribuidora de alimentação	Assistente Operacional

A tabela 2 mostra as profissões dos/as E.E., revelando que, apesar da Amostra ser reduzida, há uma grande variedade entre si, existindo um diretor de um centro de infância e juventude, uma professora, uma administrativa, uma técnica de informática, uma empregada de balcão, uma distribuidora de alimentação, uma assistente operacional, uma empregada de limpeza.

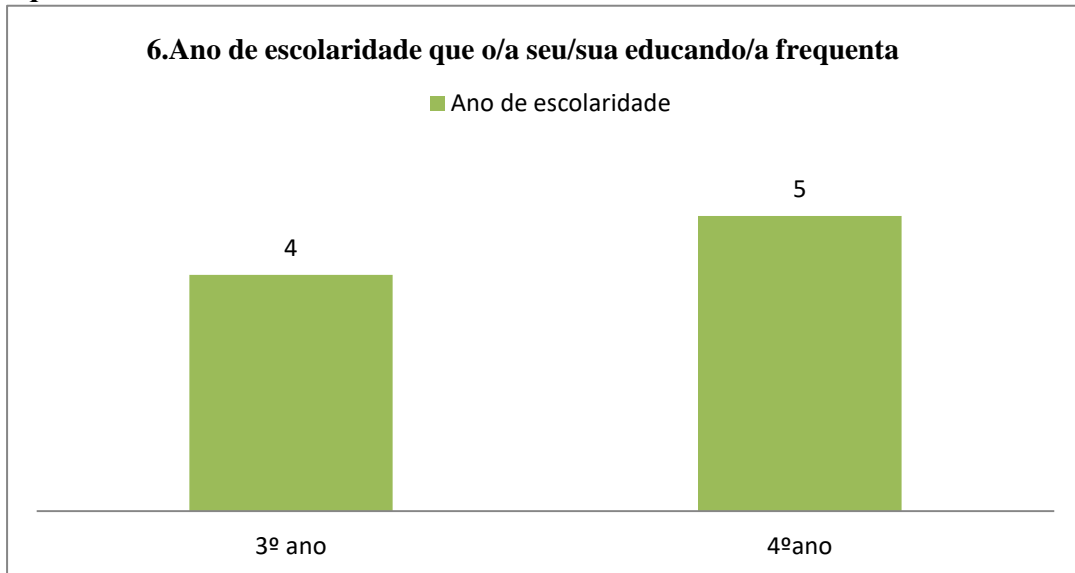
Dados relativos o/a educando/a

Gráfico 4 -Questão nº5: “Sexo do/a educando/a”



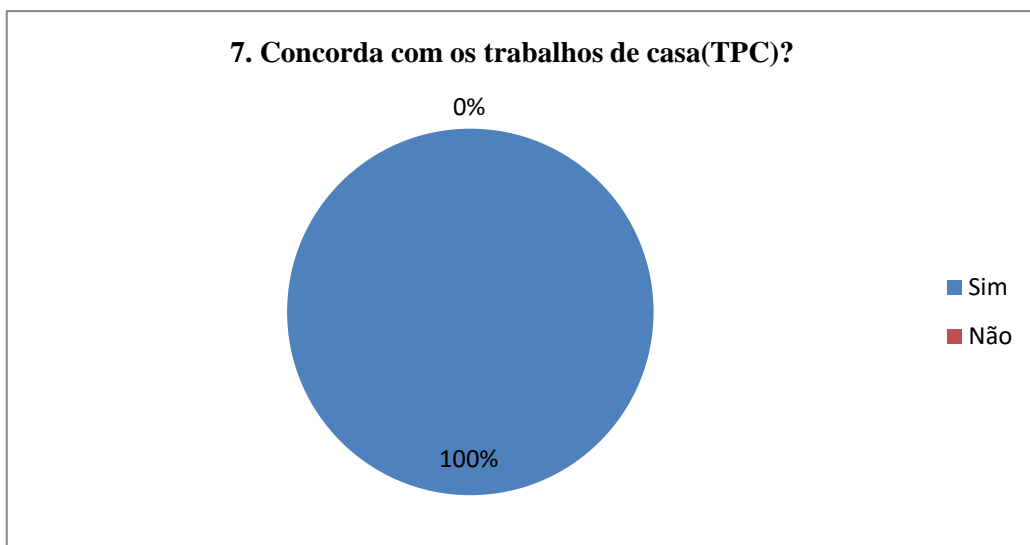
Quanto ao sexo das crianças, 44% são do sexo feminino e 56% do sexo masculino.

Gráfico 5- Questão nº6: “Ano de escolaridade que o/a seu/sua educando/a frequenta”



Na questão 5, ao questionarmos os/as E.E acerca do ano de escolaridade frequentado pelo(a) educando(a), verificou-se que 4 (44,4%) crianças frequentam o 3º ano e 5 (55,6%) crianças frequentam o 4º ano,

Gráfico 6- Questão nº7: “Concorda com os trabalhos de casa (TPC)?”



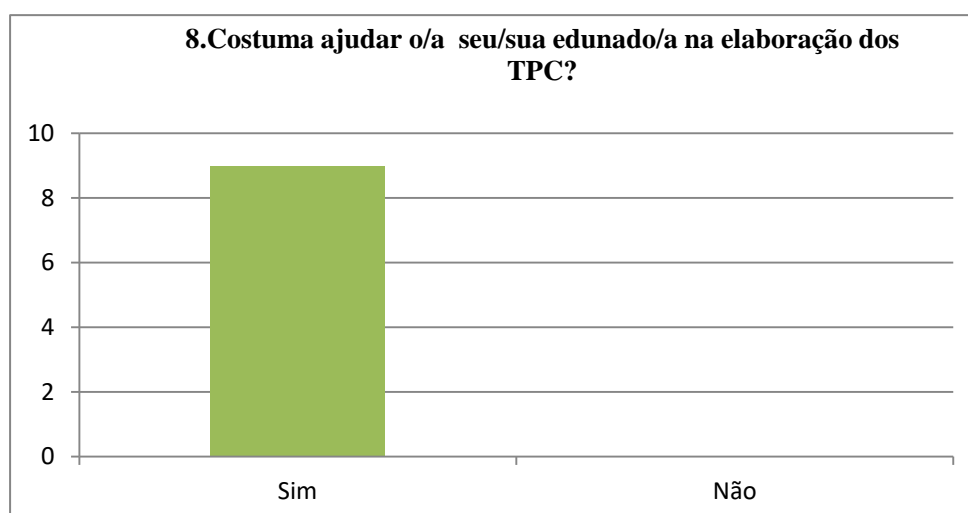
Relativamente a esta questão, 100% dos/as E.E. afirmaram a sua concordância com os TPC.

Tabela 3-Questão nº7.1: “Em caso afirmativo, das opções que se seguem escolha apenas uma:”

Opções de resposta	Frequência de resposta
a) são uma forma de aprender	2
b) os/as alunos/as ocupam uma parte do seu tempo a estudar	0
c) desenvolvem hábitos de trabalho	5
d) servem para resolver algumas dificuldades sentidas na Escola	1

Como justificação da sua concordância, a maioria dos/as EE (55,6%) considerou que os TPC são uma forma de desenvolver hábitos de trabalho (opção c). Outros/as (22,2%) também os veem como uma forma de aprender (opção a) e, por fim, apenas um considera que os TPC “servem para resolver algumas dificuldades sentidas na escola”.

Gráfico 7-Questão nº8: “Costuma ajudar o/a seu/sua educando/a na elaboração dos TPC?”



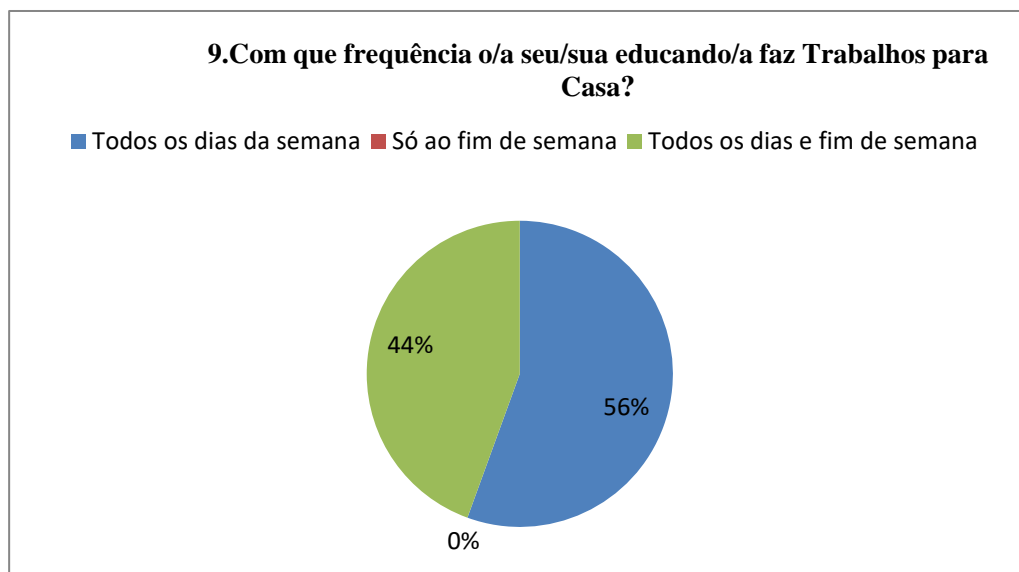
Analisando a questão, “costuma ajudar o/a seu/sua educando/a na elaboração dos TPC?”, todos/as os/as encarregados/as de educação responderam positivamente à questão.

Gráfico 8- Questão nº8.1: “Em caso afirmativo, em que áreas o/a costuma ajudar?”



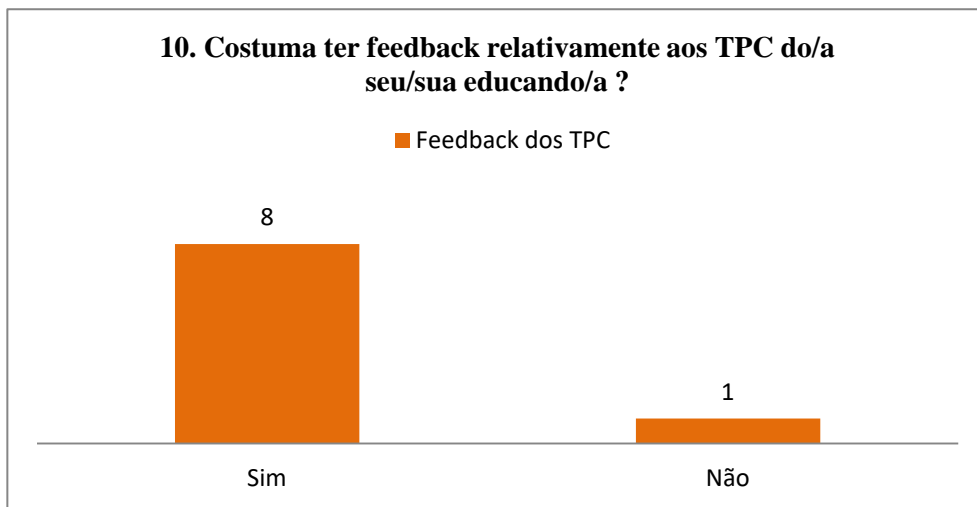
Questionados sobre em qual das áreas costumam ajudar os/as educandos/as (e podendo estes assinalar mais do que uma resposta) 7 selecionaram a Matemática, 6 o Português e 5 a área do Estudo do Meio

Gráfico 9-Questão nº9: “Com que frequência o/a seu/sua educando/a faz Trabalhos para Casa?”



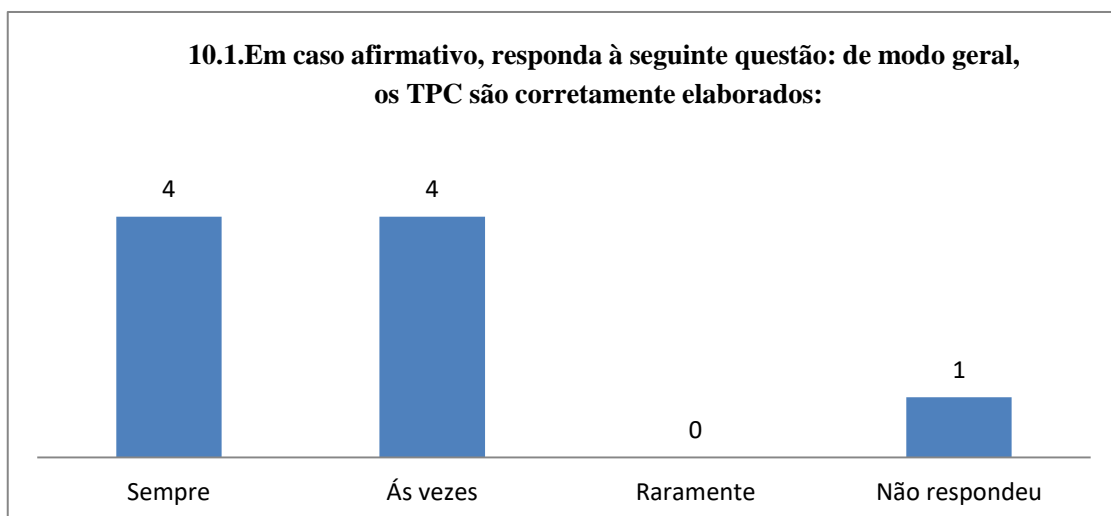
Relativamente à frequência com que as crianças levam trabalhos para casa, 56% dos/as E.E. responderam que todos os dias da semana e 44% que era todos os dias da semana e ao fim semana.

Gráfico 10- Questão nº10: “Costuma ter feedback relativamente aos TPC do/a seu/sua educando/a?”



No que respeita ao feedback aos TPC apenas se obteve uma resposta negativa, todos/as os/as outros/as respondentes afirmaram que sim.

Gráfico 11-Questão nº10.1: “Em caso afirmativo, responda à seguinte questão: de modo geral, os TPC são corretamente elaborados:”



Pelas respostas obtidas constata-se que os TPC são, frequentemente, bem elaborados.

Tabela 4-Questão nº 11: “Refira outros aspetos que considerem importante sobre os trabalhos de casa.”

Opções de resposta	Frequência de reposta
Aprofundar conhecimentos	3
Hábitos de estudo	1

Como era uma questão aberta, só 4 responderam. Destes 3 encarregados/as de educação salientaram a importância dos TPC para o aprofundamento dos conhecimentos dos/as seus/suas educandos/as e 1 referiu que servem para ajudar a criar hábitos de estudo.

Tabela 5-Questão nº12: "Em que outros aspetos costuma colaborar com a Escola?"

Respostas	Frequência de reposta
Atividades propostas pela escola	1
Sempre que a escola solicita	5
Voluntariamente	1

Pelos dados obtidos, podemos concluir que a maioria dos/as E.E. colabora sempre com a escola, contudo têm necessidade de ser solicitados, apenas uma mãe colabora de forma voluntária.

Gráfico 12- Questão nº13: “Considera importante a existência de uma forte colaboração entre a Família e a Escola?”

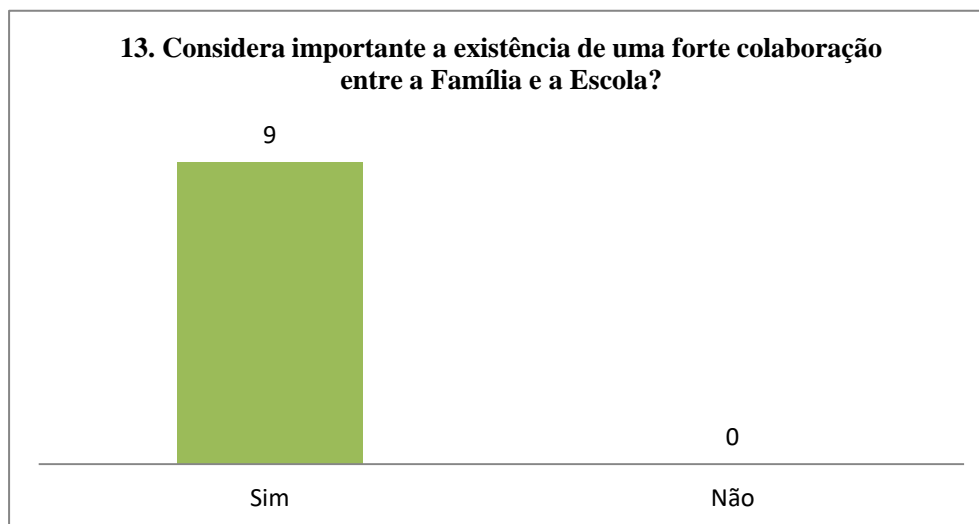


Tabela 6-Questão nº13: "Porquê?"

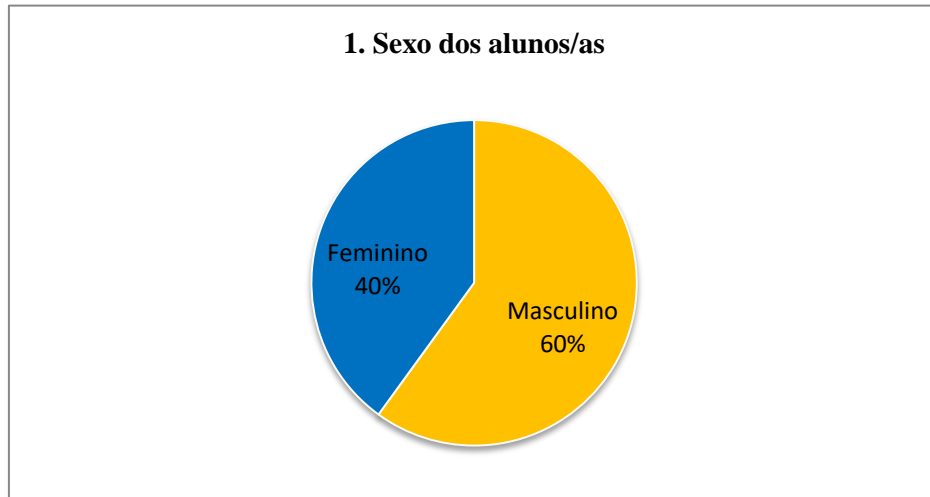
Opções de resposta	Frequência de resposta
Veículo de informação	1
Beneficia os alunos	1
Permite o acompanhamento mais próximo dos/as filhos/as	2
Permite encontrar soluções para problemas que possam surgir	1
Permite o conhecimento sobre a aprendizagem dos filhos	2

Quando confrontados/as com a questão 13-“considera importante a existência de uma forte colaboração entre a escola e as famílias?”-, de forma unânime os/as E.E. responderam que sim. Ao serem solicitado/as acerca do “porquê” da sua resposta responderam que, se de facto esta relação for estável, só trará benefícios aos seus/suas educandos/as, aos professores/as e a si próprios.

Esta relação, segundo os/as E.E, permite: acompanhar melhor o percurso dos/as filhos/as, encontrar soluções para problemas que possam surgir e conhecer as aprendizagens dos/as filhos/as, para além de ser um veículo de informação entre Famílias e Escola.

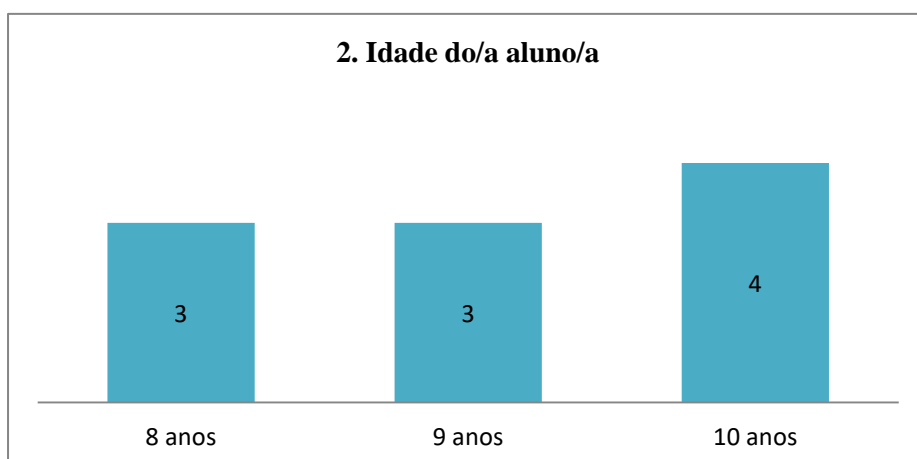
3.5.4.2. Questionário aos/às Alunos/as (Q2)

Gráfico 13- Questão nº1: “Sexo do/a aluno/a.”



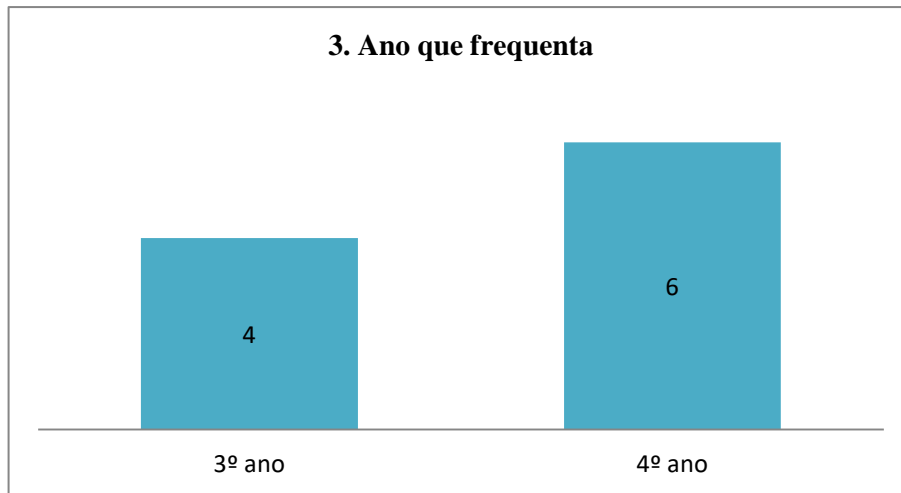
Através da análise do gráfico, podemos observar que a turma é constituída, na sua maioria, por meninos, sendo a percentagem de 60%. Os restante 40% dos/as alunos/as são meninas.

Gráfico 14- Questão nº2: “ Idade do/a aluno/a.”



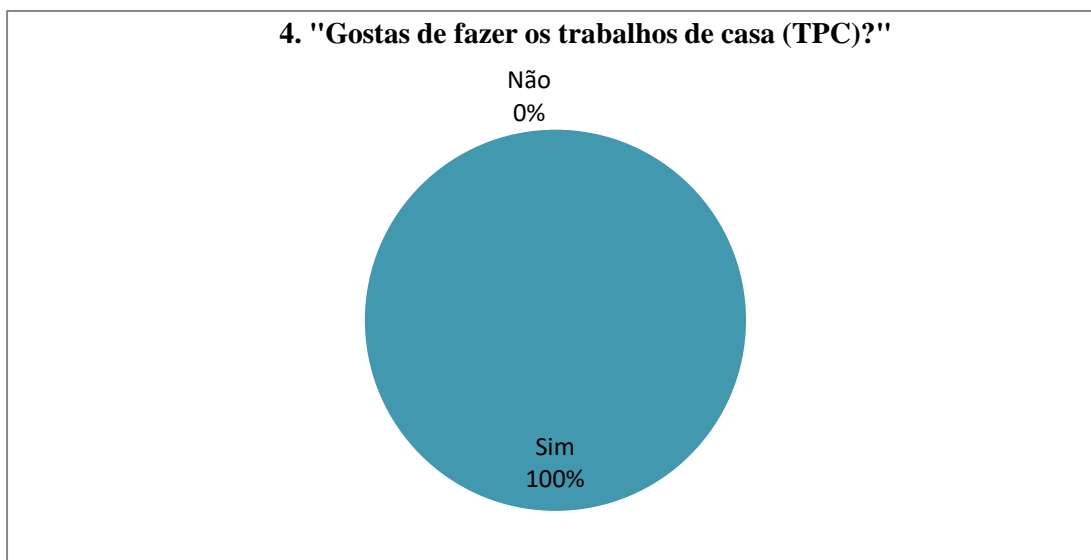
Analisando a questão 2, relativamente às idades dos/as alunos/as podemos verificar que: três alunos/as têm 8 anos, três alunos/as têm 9 anos e quatro alunos/as têm 10 anos.

Gráfico 15- Questão nº3: “Ano de escolaridade.”



Na questão 3, referente ao ano de escolaridade que frequentam, quatro (40%) dos/as inquiridos/as responderem que frequentavam o 3º ano e seis (60%) que frequentavam o 4º ano.

Gráfico 16- Questão nº4: “Gostas de fazer os trabalhos de casa (TPC)?”

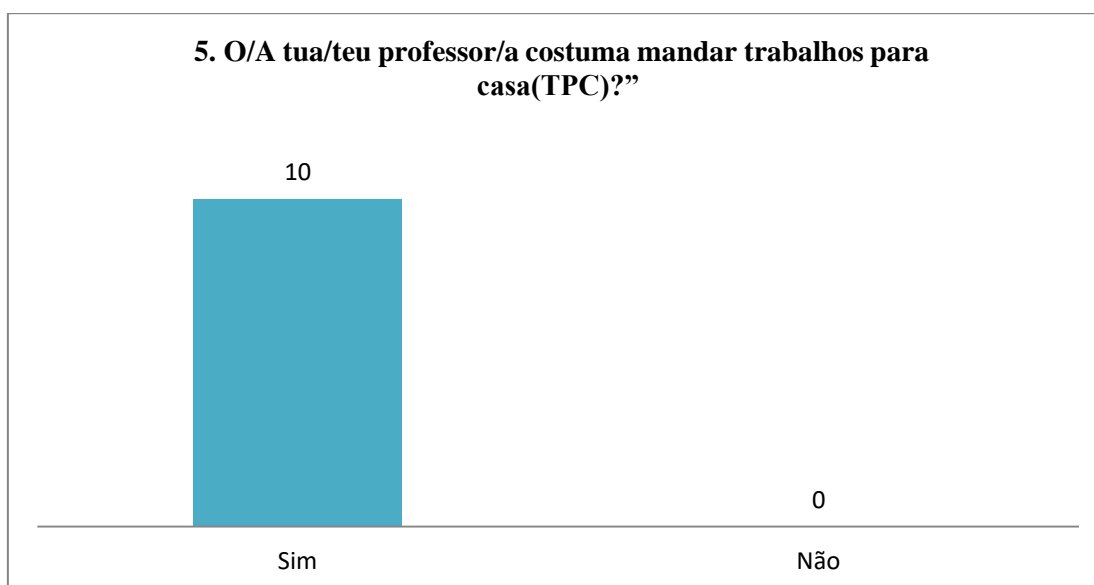


Quanto à questão 4, onde se questionava os/as alunos/as sobre se gostavam de fazer os trabalhos de casa, 100% das crianças responderam de forma positiva à questão.

Tabela 7-Questão nº4.1: “Porquê?”

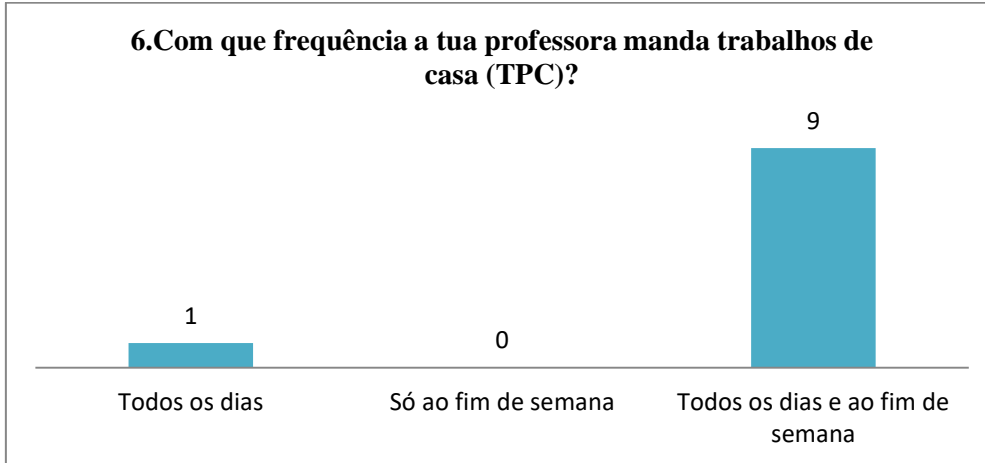
Respostas	Frequência das respostas
Para aprender	8
Para estudar em casa	1
Para “não ralharem comigo na escola”	1
Porque gosto	1

Tentando perceber a razão pela qual os/as alunos/as gostavam (ou não) de fazer os TPC, havia a questão 4.1. de resposta aberta. Observando a tabela nº 7, podemos concluir que a maioria das crianças gosta de fazer os trabalhos de casa pois considera que é uma maneira de aprender. Contudo, existem ainda outras opiniões: um aluno respondeu que gostava porque “assim podia estudar em casa”, outro apenas “porque gostava” e, por fim, uma aluna respondeu que gostava de os fazer porque assim “não ralhavam” como ela na escola.

Gráfico 17-Questão nº5:” O/A tua/teu professor/a costuma mandar trabalhos para casa (TPC)?”

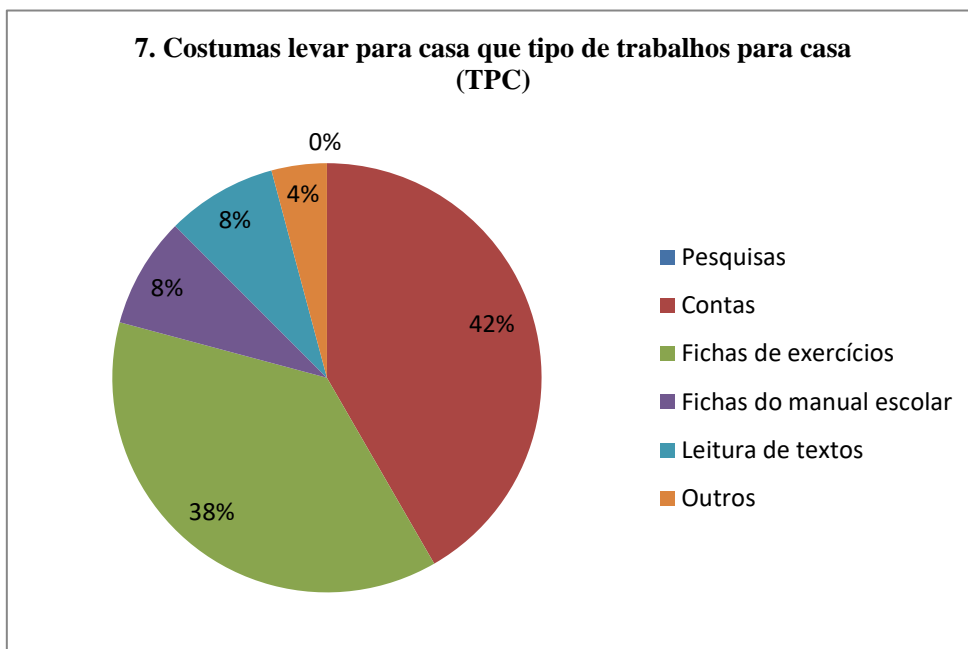
No que diz respeito à questão 5, os/as 10 alunos/as da turma, responderam, unanimemente, que a professora tinham como rotina habitual mandar trabalhos de casa.

Gráfico 18- Questão nº6: “Com que frequência a tua professora manda trabalhos de casa (TPC)?”



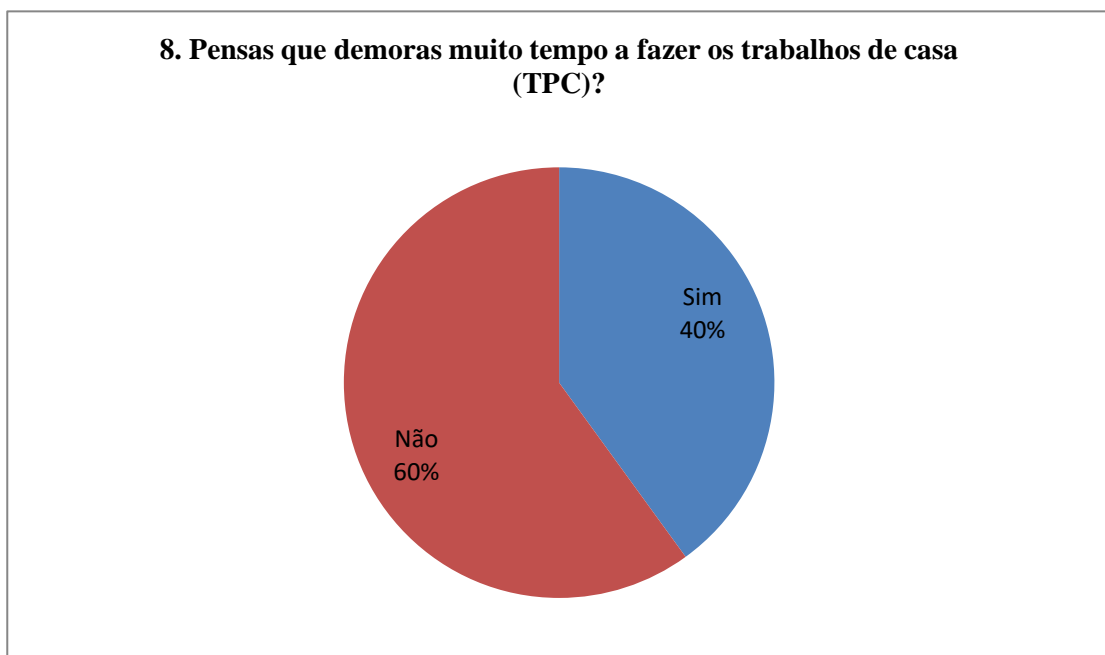
Observando o gráfico 18, que traduz as respostas à questão:” com que frequência a tua professora manda trabalhos de casa”, nove alunos/as (90%) referiram que a professora manda trabalhos de casa todos os dias da semana e aos fins de semana, e apenas uma aluna respondeu que era só durante a semana.

Gráfico 19- Questão nº7: “Costumas levar para casa que tipo de trabalhos para casa (TPC)?”



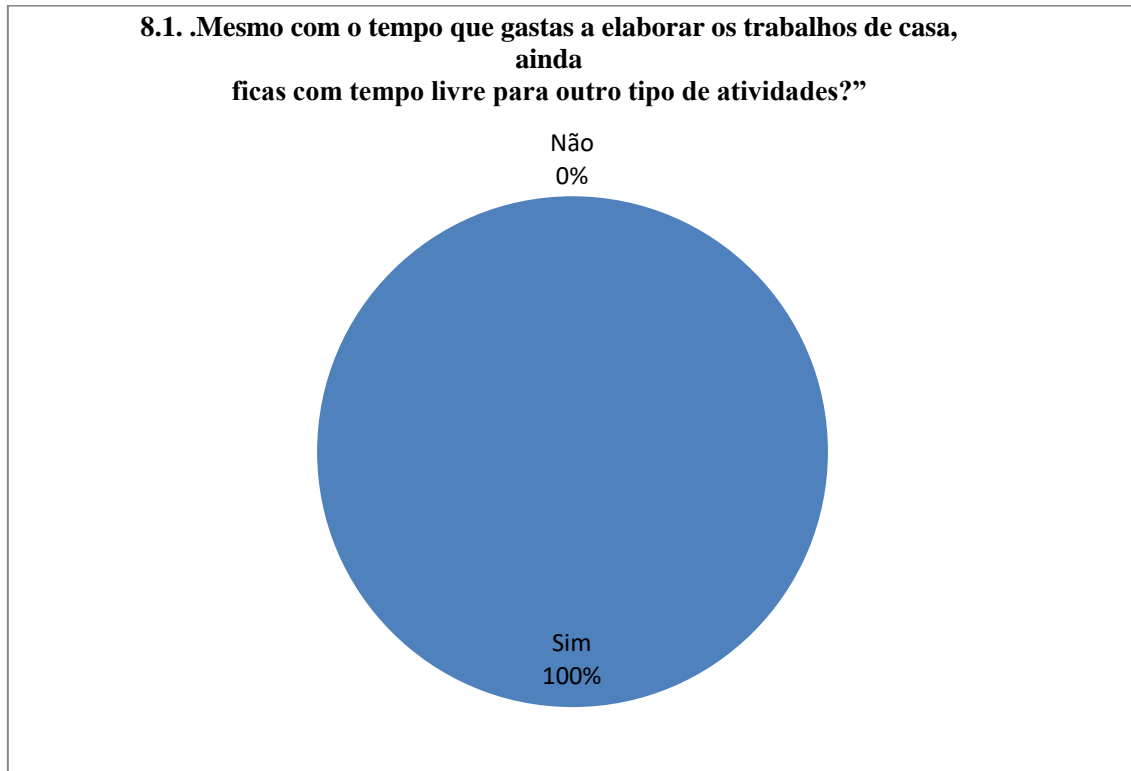
Na questão 7, questionavam-se os alunos/as sobre os tipos de trabalhos casa que mais faziam. Após analisar o gráfico 19, concluímos que: na maioria das vezes, eram contas (42%), seguindo-se de fichas de exercícios (38%), com menores percentagens suguem as fichas de manuais (8%), a leitura de textos (8%) e outros tipos de trabalhos de casa (4%).

Gráfico 20-Questão nº8: “ Pensas que demoras muito tempo a fazer os trabalhos de casa (TPC)?”



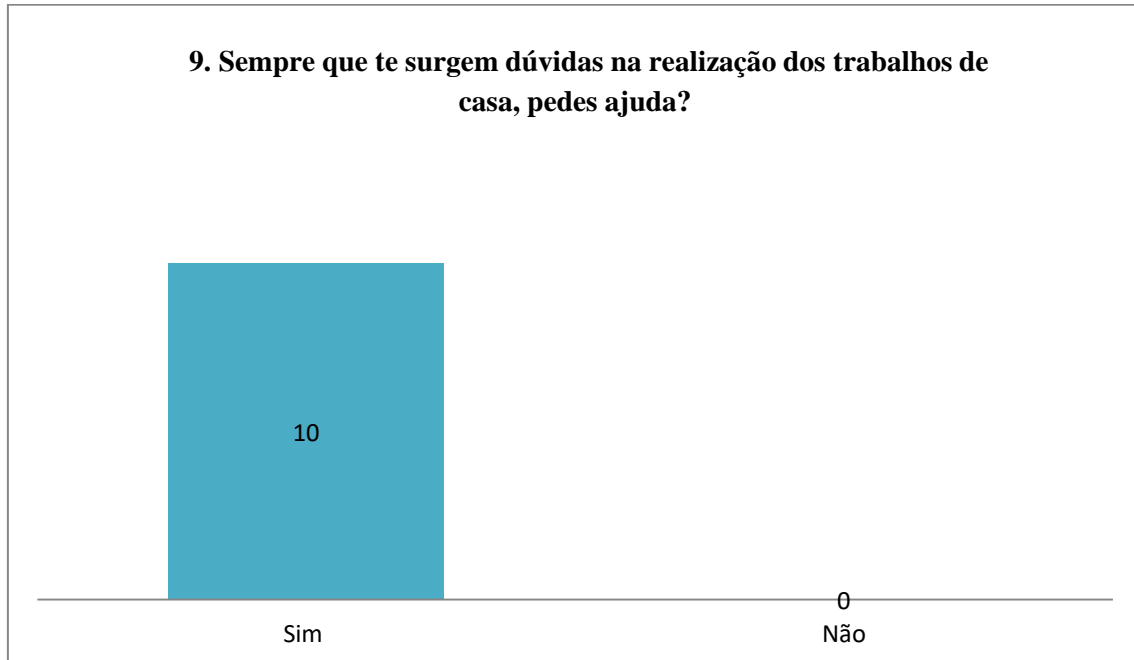
Verificando as respostas a questão o 8, “ pensas que demoras muito tempo a fazer os trabalhos de casa?” a maioria dos/as alunos/as (60%) respondeu que não, contudo os restantes 40 % responderam que sim, que achavam que demoravam muito tempo a fazer os TPC.

Gráfico 21-Questão nº8.1.: “Mesmo com o tempo que gastas a elaborar os trabalhos de casa, ainda ficas com tempo livre para outro tipo de atividades?”



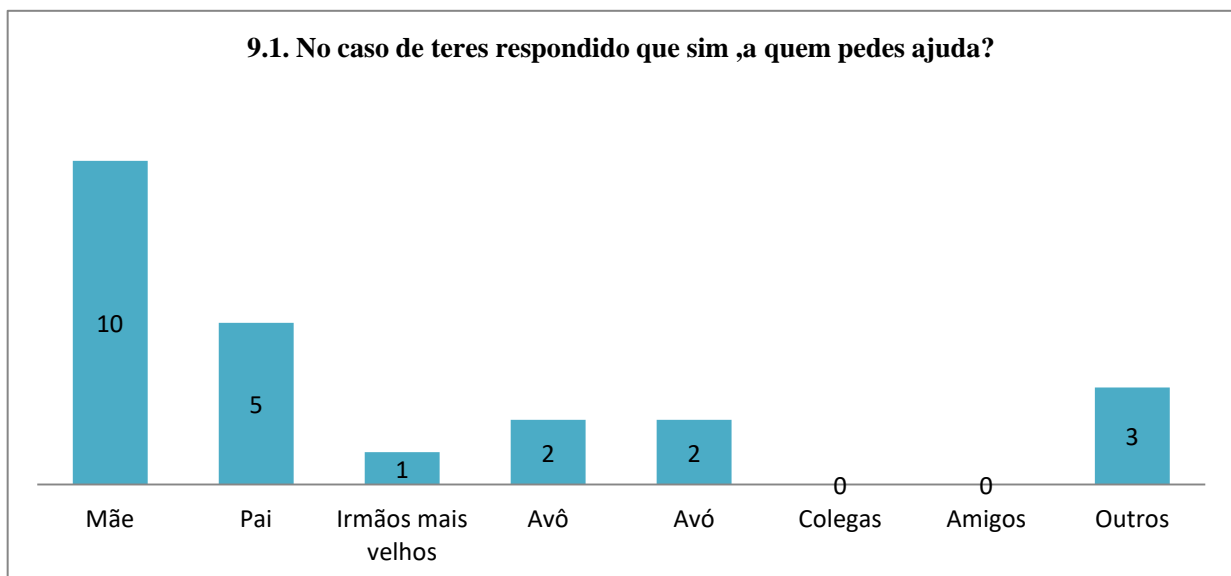
No seguimento da questão anterior, na 8.1, questionava-se “mesmo com o tempo que gastas a elaborar os trabalhos de casa, ainda ficas com tempo livre para outro tipo de atividades?”, apesar de na questão anterior ter existido uma percentagem de alunos/as (40%) a afirmar que demoravam muito tempo a elaborar os TPC, nesta questão todos os alunos/as (100%) responderam que, apesar do tempo dispensado para os TPC, ainda ficavam com tempo livre para outro tipo de atividades.

Gráfico 22-Questão nº9: “Sempre que te surgem dúvidas na realização dos trabalhos de casa, pedes ajuda?”



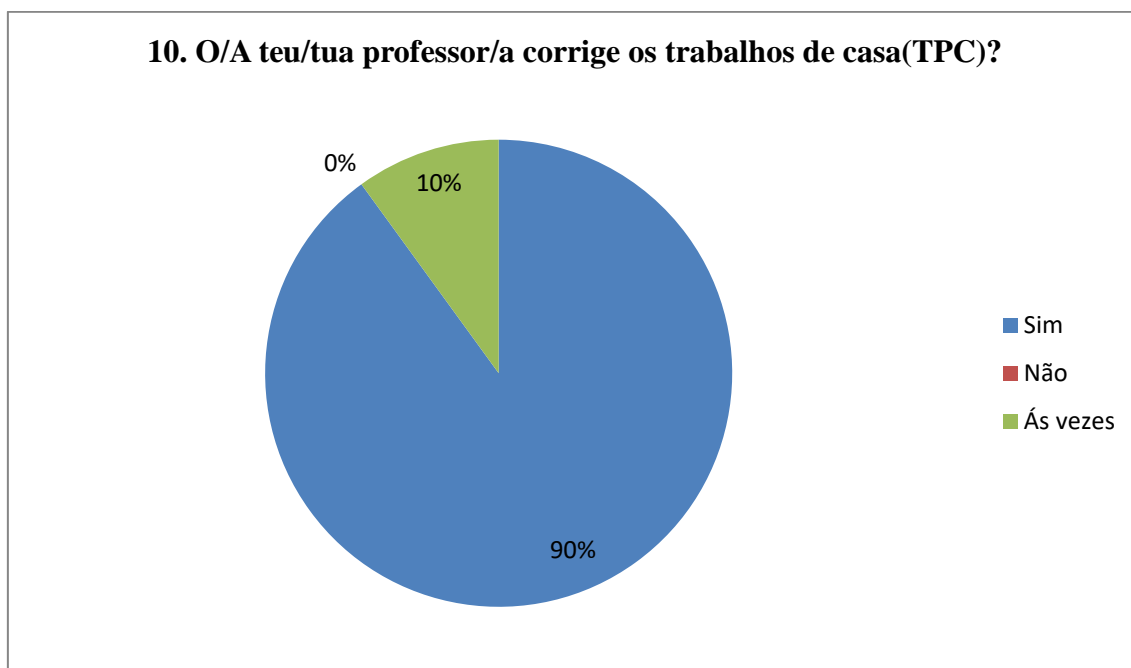
Na questão 9, “Sempre que te surgem dúvidas na realização dos TPC pedes ajuda?” todos/as os/as alunos/as responderam de forma afirmativa.

Gráfico 23-Questão nº9.1: “No caso de teres respondido que sim (escolhe a resposta que se aplica ao teu caso)”



Como todos/as os/as alunos/as afirmaram, na questão n.º9, que pediam ajuda sempre que sentiam alguma dificuldade nos TPC, na 9.1. questionamos sobre a quem pediam ajuda. As respostas foram bastante diversificadas, já que poderiam selecionar mais do que uma opção de resposta. No entanto, pelas respostas verifica-se que a primeira pessoa a quem as crianças recorrem quando têm dificuldades é a mãe (100%), seguindo-se o pai (50%), depois “os outros” identificados como sendo os tios/as, surgindo com valores mais baixos os avós e, ainda, os irmãos mais velhos. Através da análise deste gráfico podemos concluir que para esclarecer as dúvidas escolares os/as alunos/as desta Amostra recorrem à família.

Gráfico 24-Questão nº10: "O/A teu/tua professor/a corrige os trabalhos de casa (TPC)?"

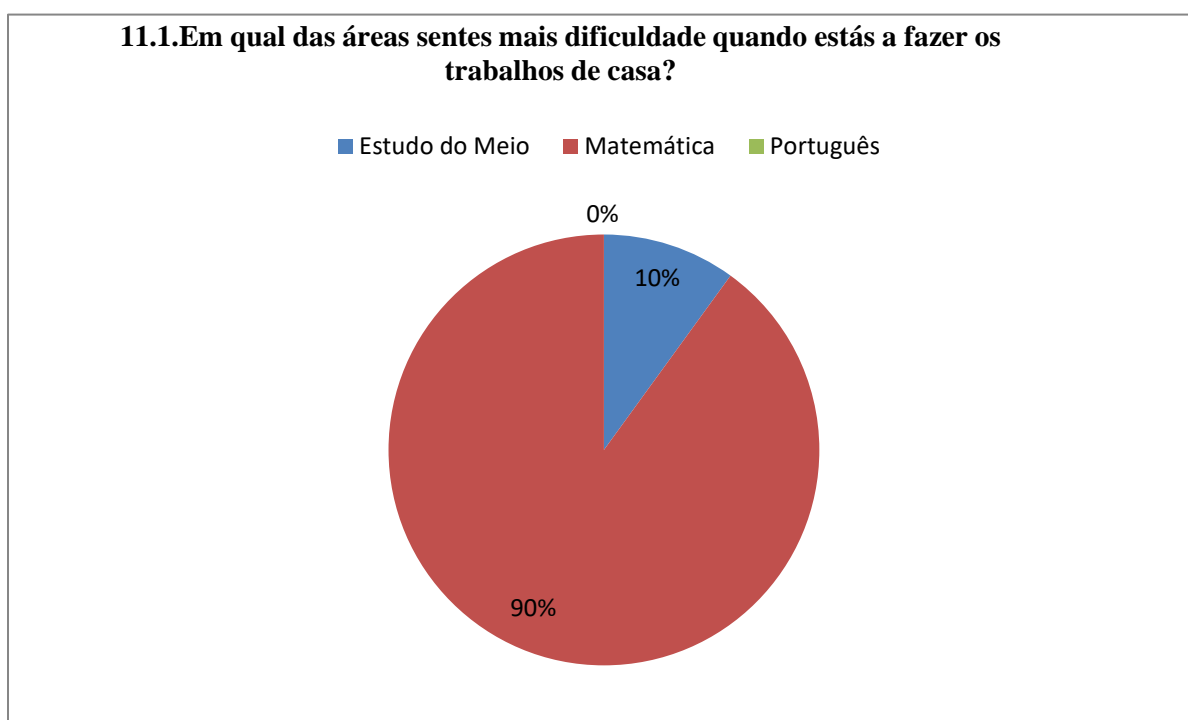


Analisando o gráfico 24, correspondendo à questão “O(a) teu(tua)professor(a) corrige os trabalhos de casa”, 90% dos/as alunos/as respondeu que sim, 10% responderam que eram corrigidos “às vezes”. Contudo, nenhum dos/as inquiridos/as respondeu que os trabalhos de casa não eram corrigidos.

Tabela 8-Questão nº11: “ Na tua opinião para que servem os trabalhos de casa?”

Opções de resposta	
a) Estudar o que aprendemos na escola	6
b) Ficar a perceber melhor os conteúdos	5
c) Tirar dúvidas que tenham ficado nas aulas	4
d) Prepara para as fichas de avaliação	4

Tentando compreender qual era a opinião da turma acerca dos trabalhos de casa, surge a questão 11. Analisando a tabela acima, verificamos que a maioria das crianças assinalou a opção a) “estudar o que aprendemos na escola”, seguindo-se a opção b) “Ficar a perceber melhor os conteúdos”. Por fim, com igual número de escolhas, seguem-se as opções c) “Tirar dúvidas que tenham ficado nas aulas” d) “Prepara para as fichas de avaliação”

Gráfico 25- Questão nº11.1: “Em qual das áreas sentes mais dificuldade quando estás a fazer os trabalhos de casa?”

Por fim, questionamos os/as alunos/as acerca das áreas em que sentiam maiores dificuldades ao realizar os TPC. Através da análise do gráfico 25, apuramos que a Matemática é o domínio onde a turma tem mais dúvidas, com uma percentagem de 90%, seguindo-se o Estudo do Meio com uma percentagem muito inferior (10%). No que refere à área do Português os/as alunos/as não mencionaram quaisquer dificuldades.

3.5.5. Interpretação dos Dados Obtidos

De realçar, acima de tudo, a importância de uma boa relação entre a Escola e a Família imprescindível para assegurar o sucesso educativo das crianças. “A responsabilização, ao contrário da culpabilização, torna os sistemas competentes (...)” (Jesus & Neves,2004,p.25). É imperativo que cada um dos agentes tenha consciência de qual é o seu papel perante o/a aluno/a e que as suas ações se complementem. (Neves & Jesus,2004). Infelizmente, nos dias que correm, ainda se pode observar “uma assimetria de poderes, que dificulta o diálogo e a comunicação direta entre a família e a escola, deixando ao aluno o papel de interlocutor entre os dois sistemas (...)” (Jesus & Neves,2004,p.25).

Refletindo acerca dos dados obtidos neste pequeno trabalho de investigação, pode afirmar-se que os E.E. referem o facto de ser importante uma forte relação entre a escola e a família, uma vez que permite o acompanhamento mais próximo dos/as seus/suas educandos/as.

A partir dos questionários, dos/as encarregados/as de educação (Q1) e dos/as alunos/as (Q2), conseguiu-se compreender que, tanto para os/as encarregados/as de educação, como para os seus/suas educandos/as, os trabalhos para casa são vistos como uma mais-valia, como um meio de os/as alunos/as aprofundarem os seus conhecimentos mas, essencialmente, como uma forma de criar hábitos de estudo.

Nesta Amostra todos/as os/as encarregados/as de educação afirmaram auxiliar os/as seus/suas educandos/as quando estes/as sentem alguma dificuldade, contudo e fazendo um paralelismo com o Q2, os/as alunos/as referem que, na maioria das vezes, recorrem a ajuda das mães. Tal como é evidenciado nos dados obtidos no Q2, a área em

que os E.E referem auxiliar os/as alunos/as é a Matemática, domínio em que os/as alunos/as dizem sentir mais dificuldades.

Os/as alunos/as, apesar de termos uma turma heterógena, composta por 3.º e 4.º anos, e onde as idades variam entre os 8 e os 10 anos, todos eles gostam de fazer os TPC, uma vez que, segundo os dados recolhidos, a realização dos TPC “ajuda-os a aprender mais”. Essencialmente, o tipo de trabalhos de casa elaborados pela turma são *contas* passadas no quadro e copiadas para o caderno de casa de cada um/a, mas também referem que, em alguns momentos, realizam *fichas de exercícios*, facultadas pela professora, referentes às diferentes áreas do programa do 1.º CEB. Os/as alunos referiram, também, que, na maioria das vezes, os TPC são corrigidos pela professora

Uma parte dos/as alunos/as afirmou que demorava algum tempo a elaborar os TPC, contudo todos garantem ficar com disponibilidade para realizar outras atividades.

Podemos verificar que tanto os/as alunos/as como os/as seus/suas educandos/as estão de acordo com os trabalhos de casa, salientando o facto de, assim, as famílias poderem acompanhar não só os conteúdos lecionados na sala de aula, como seguir mais de perto os progressos das aprendizagens dos/as filhos/as e, de certo modo, contribuir para o estabelecimento de uma ligação mais forte entre a Família e a Escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel das famílias é cada vez mais relevante para o sucesso do percurso académico dos/as alunos/as, principalmente, durante os primeiros anos de escolaridade.

É importante que os agentes educativos, pais e professores/as, sejam capazes de construir uma relação sólida, que dê à criança confiança e segurança. Ainda nos dias de hoje, em pleno século XXI, e apesar de todas as mudanças sociais, não existe uma opinião concreta acerca desta relação, continua a ser um tema bastante debatido e as opiniões entre autores/as são as mais diversas como é evidenciado por Silva (2003, p.30):

“Sara Lightfoot (1978) refere-se àqueles dois grupos como «mundos à parte», Cléopâtre Montadon e Philippe Perrenou (1987) interrogam-se sobre a existência de um «diálogo impossível» entre ambos, Serge Honoré (1980) fala de uma «relação necessária e difícil», Cristina Gomes da Silva (1993) de uma «cooperação desconfiada», Cristina Rocha (1996) de uma «relação de colaboração conflitual», Daniel Sampaio (1996) de uma «competição simétrica», enquanto Pedro Silva (1993) adverte para o perigo de uma «relação armadilhada», (...)”

Apesar da controvérsia em redor desta temática, os benefícios de uma relação estável entre os Pais e a Escola são conhecidos por todos/as. Por exemplo, o papel ativo por parte das famílias funciona como um incentivo aos/às alunos/as, “ensinando-lhes a identificar as atitudes e comportamentos que o favorecem (...), mostrando-lhes que apreciam os seus resultados académicos, e responsabilizando-os pelo seu comportamento e aproveitamento na escola”. (Ogbu,1992,citado por Villas-Boas,2001,p.191)

Porém, muitas vezes são criadas situações que fazem com que estes parceiros se sintam, reciprocamente, desconfortáveis e hesitantes. No caso das famílias, “sobretudo quando se trata de famílias cuja cultura é diferente da cultura dominante da escola.” (Villas-Boas,2001,p.191), e no dos/as professores/as sempre que não dão espaço aos/às E.E. para participar ativamente no contexto escolar, por exemplo, quando “não lhes é reconhecido o direito de «interrogarem» o que se passa dentro da escola e dentro da sala (...)”. (Silva,2003,p.56)

Contudo, é importante que se consciencializem do quanto é importante estarem unidos e trabalhem em conjunto para benefício dos/as alunos/as. Uma das formas que a Escola tem de chegar até às Famílias é através dos trabalhos que são enviados para casa (TPC), uma vez que poderão ser um excelente meio de informação sobre o que os

seus/suas filhos/as estão a aprender na sala de aula. Mas nem sempre é fácil aos pais ajudarem os/as seus/suas filhos/as na realização dos TPC, em alguns caso por falta de tempo, uma vez que os empregos lhes ocupam uma grande parte do seu dia, em outros casos, por falta de conhecimentos suficientes.

Apesar de todas as dificuldades reconhecidas tanto pelas Famílias como pela Escola, não se deve deixar quebrar este elo de ligação, que são os TPC, e que permitem que estes parceiros mantenham algum tipo de contacto. Tal como refere Meirieu (1998, p.14)

“(…) os trabalhos de casa são sempre necessários; poderão ser, sem dúvida, menos numerosos, mais objectivos, mais acessíveis, mas é necessário que haja alguns para desenvolver nos alunos a autonomia e a responsabilidade, bem como o sentido de organização, o interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal.”.

No estudo realizado, verificou-se que tanto os/as alunos/as como os seus/suas pais/mães dão grande relevância aos trabalhos para casa, na medida em que, no momento da sua realização, os pais estão presentes para auxiliar os/as educandos/as, o que, de certo modo, contribui para a autoestima dos/as alunos/as, que assim sentem haver ligação entre o que fazem na Escola e o acompanhamento que lhes é dado pelas próprias famílias.

Referências Bibliográficas

- Câmara, S. (s/d.). Projecto Educativo-Planificação . Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Carvalho, M. E. (2004). Escola com Extensão da Família ou Família como Extensão da escola? O Dever de Casa e as Relações Família-Escola. *Revista Brasileira de Educação*, 25, pp. 94-104.
- Corno, L. (Novembro de 2009). Homework is a Complicated Thing. *American Educational Research Association*, 25, pp.27-30.
- Fortes, C. C. (2012). Interdisciplinaridade: Origem, Conceito e Valor, pp. 1-11.
- Henriques, M. (2009). *Relação Ceche/Família: Uma Visão Sociológica*. Tese de Mestrado em Sociologia da Infância, Universidade do Minho, Minho.
- Jesus, H. d., & Neves, A. L. (2004). *Relação Escola-Aluno-Família: Educação Intercultural numa Prespectiva Sistémica*. Lisboa: Alto Comissário para a Imigração e Minórias Étnicas.
- Lima, C. (2007). *(Des)inclusão das crianças com NEE*. Trabalho de Final de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Meirieu, P. (1998). *Os Trabalhos de Casa*. Viseu: Editorial Presença.
- Morais, C. (2005). Descrição Análise e Interpretação de Informação Quantitativa. *Escala de Medida, Estatística e Inferência Estatística*, pp.1-30. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Picanço, A. L. (2012). *A Relação Entre Escola e Família- As suas Implicações no Processo de Ensino-Aprendizagem*. Relatório de Mestrado em Supervisão Pedagógica, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.

- Pires, S. I. (2012). *Os Trabalhos para Casa no 1º Ciclo do Ensino Básico- A Visão das Crianças e dos Pais*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior e Educação de Castelo Branco, Castelo Branco.
- Pita, J. M. (2015). *Parar, Escutar e Olhar: Um Percurso de Aprendizagens Reflexivas*. Relatório Final em Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Escola Superior de Educação de Coimbra, Coimbra.
- Reis, M. P. (2008). *A Relação Entre Pais e Professores: Uma Construção de Proximidade para uma Escola de Sucesso*. Tese de Doutoramento, Universidade de Málaga, Espanha.
- Ribeiro, C. J. (2009). *A Relação Escola/Família*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação- Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Silva, P. (2003). *Escola-Família, uma Relação armadilhada*. Porto: Edições Afrontamento.
- Simões, M. d. (2013). *Formação Parental em Contexto Escolar: Promoção da Construção de Pontes Entre Escolas e Família*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação, especialização em Psicologia da Educação,, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2014). *Como Fazer Investigações, Dissertações Teses e Relatórios* (5ª ed.). Lisboa: Pactor.
- Souza, M. E. (2009). *Família/Escola: A Importância dessa Relação no Desempenho Escolar*. Paraná.
- Suehiro, A. C., & Boruchovits, E. (2016). Hábitos e Estratégias para a Realização da Lição de Casa e Variáveis demográficas em Estudantes do Ensino Fundamental II, pp. 132-139.
- Vala, J. (1986). A análise de Conteúdos. In A. S. Silva e J. M. Pinto (orgs). *Metodologias das Ciências Sociais*, pp. 101-128.

Villas-Boas, M. A. (2001). *Escola e Família- Uma Relação Produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Legislação consultada

Decreto-lei n.º 137/2012, publicado no Diário da República, 1.ª série — N.º 126 — 2 de julho de 2012. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência

ANEXOS

ANEXO I- Q1

Inquérito aos/às Encarregados/as de Educação.

No âmbito do Mestrado em Ensino Pré-escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico, a decorrer na Escola Superior de Educação de Coimbra, estou a elaborar um trabalho final em que a principal temática é a Relação da Família - Escola. Neste sentido, agradeço a sua disponibilidade para preencher o presente questionário, sendo a sua opinião muito importante para aferir o que pensa acerca dos trabalhos de casa (TPC), visto ser um dos elos de ligação entre a Família e Escola.

Dados Pessoais:

1. Sexo

F

M

2. Idade:

20 – 30

31 - 40

41 – 50

>50

3. Habilitações Académicas:

Ensino básico

Ensino secundário

Ensino superior

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

4. Profissão: _____

Dados relativos ao/à educando/a

5. Sexo

F

M

6. Ano de escolaridade que o/a seu/sua educando/a frequenta:

3º ano

4ºano

7. Concorda com os Trabalhos para Casa (TPC)?

Sim

Não

7.1 Em caso afirmativo:

7.2

Das opções que se seguem escolha **apenas uma:**

Porque:

e) são uma forma de aprender

f) os/as alunos/as ocupam uma parte do seu tempo a estudar

g) desenvolvem hábitos de trabalho

h) servem para resolver algumas dificuldades sentidas na Escola

8. Costuma ajudar o/a seu/sua educando/a na elaboração dos TPC?

Sim

Não

8.1.Em caso afirmativo, em que áreas o/a costuma ajudar?

Estudo do Meio

Português

Matemática

9. Com que frequência o seu educando faz Trabalhos para Casa?

Todos os dias da semana

Só ao fim de semana

Todos os dias e fim de semana

10. Costuma ter feedback relativamente aos TPC do/a seu/sua educando/a ?

Sim

Não

10.1 Em caso afirmativo, responda à seguinte questão:

De modo geral, os TPC são corretamente elaborados:

Sempre

Às vezes

Raramente

11. Refira outros aspetos que considere importantes sobre os TPC.

12. Em que outros aspetos costuma colaborar com a Escola?

13. Considera importante a existência de uma forte colaboração entre a Família e a Escola? Porquê?

Obrigada pela sua colaboração.

ANEXO II-Q2

Inquérito aos/às alunos/as

No âmbito do Mestrado em Ensino Pré-escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico, a decorrer na Escola Superior de Educação de Coimbra, estou a elaborar um trabalho final em que a principal temática é a Relação da Família - Escola. Neste sentido, agradeço a tua disponibilidade para preencher o presente questionário, sendo a tua opinião muito importante para aferir o que pensas acerca dos trabalhos de casa (TPC), visto ser um dos elos de ligação entre a Família e Escola.

Este questionário é anónimo e os dados recolhidos serão utilizados única e exclusivamente no âmbito deste trabalho.

Muito obrigada pela tua colaboração.

Dados Pessoais:

1. Sexo:

F

M

1. Idade: _____ anos

2. Ano de escolaridade:

3º ano

4º ano

3. Gostas de fazer os trabalhos de casa(TPC)?

Sim _____

Não _____

4.1. Porquê? _____

5. O/A tua/teu professor/a costuma mandar trabalhos para casa (TPC)?

Sim _____

Não _____

6. Com que frequência a tua professora manda trabalhos de casa (TPC)?

Todos os dias da semana _____

Só ao fim de semana _____

Todos os dias e fim de semana _____

7. Costumas levar para casa que tipo de trabalhos para casa (TPC)?

Pesquisas _____

Contas _____

Fichas de exercícios _____

Fichas do manual escolar _____

Leitura de textos _____

Outro _____ Qual? _____

8. Pensas que demoras muito tempo a fazer os trabalhos de casa (TPC)?

Sim _____

Não _____

8.1. Mesmo com o tempo que gastas a elaborar os trabalhos de casa, ainda ficas com tempo livre para outro tipo de atividades?

Sim _____

Não _____

9. Sempre que te surgem dúvidas na realização dos trabalhos de casa, pedes ajuda?

Sim _____

Não _____

9.1. No caso de **teres respondido que sim**

(Escolhe a resposta que se aplica ao teu caso)

mãe _____

avó _____

pai _____

colegas _____

irmão/irmã mais velho/a _____

amigos _____

avô _____

Outras pessoas _____

Quem? _____

9.2. No caso de **teres respondido não,**

(Escolhe a resposta que se aplica ao teu caso)

Gosto de fazer os TPC sozinho/a _____

Não preciso de ajuda _____

Não tenho quem me ajude _____

Outro motivo ____ Qual? _____

10. O/A teu/tua professor/a corrige os trabalhos de casa(TPC)?

Sim _____

Não_____

Às vezes_____

11. Na tua opinião para que servem os trabalhos de casa?

Estudar o que aprendemos na Escola_____

Ficar a perceber melhor os conteúdos lecionados_____

Tirar as dúvidas que tenham ficado nas aulas_____

Preparar para as fichas de avaliação_____

11.1. Em qual das áreas sentes mais dificuldade quando estas a fazer os trabalhos de casa?"

Português_____

Matemática_____

Estudo do Meio_____

OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO!

ANEXO III- PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Aos pais e encarregados/as de educação.

No âmbito do Mestrado em Ensino Pré-escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico, a decorrer na Escola Superior de Educação de Coimbra, estou a elaborar um trabalho final em que a principal temática é a Relação Escola /Família. Neste sentido, necessito da sua autorização para que o/a seu/sua educando/a possa preencher um inquérito, acerca deste mesmo tema.

O questionário é anónimo e os dados recolhidos serão utilizados única e exclusivamente no âmbito deste trabalho.

Atenciosamente:

(Inês Salgado)

(recortar pelo picotado e entregar o descartável)

Eu _____encarregado/a
de educação do/a aluno/a_____

AUTORIZO /NÃO AUTORIZO (riscar o que não interessa) o/a meu/minha
educado/a a preencher o inquérito.

Data: ____/____/____

Assinatura do/a Encarregado/a de Educação:
